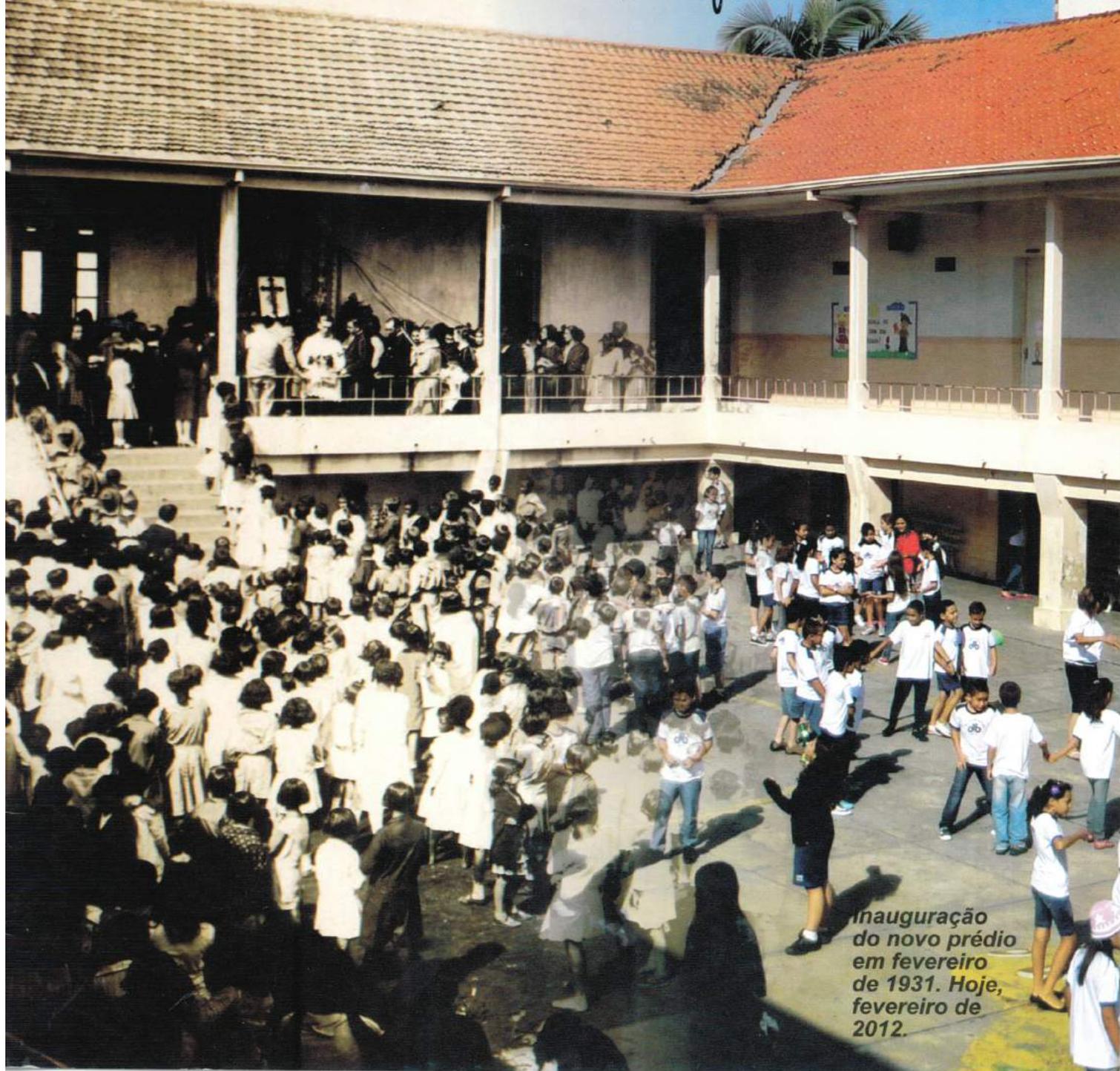
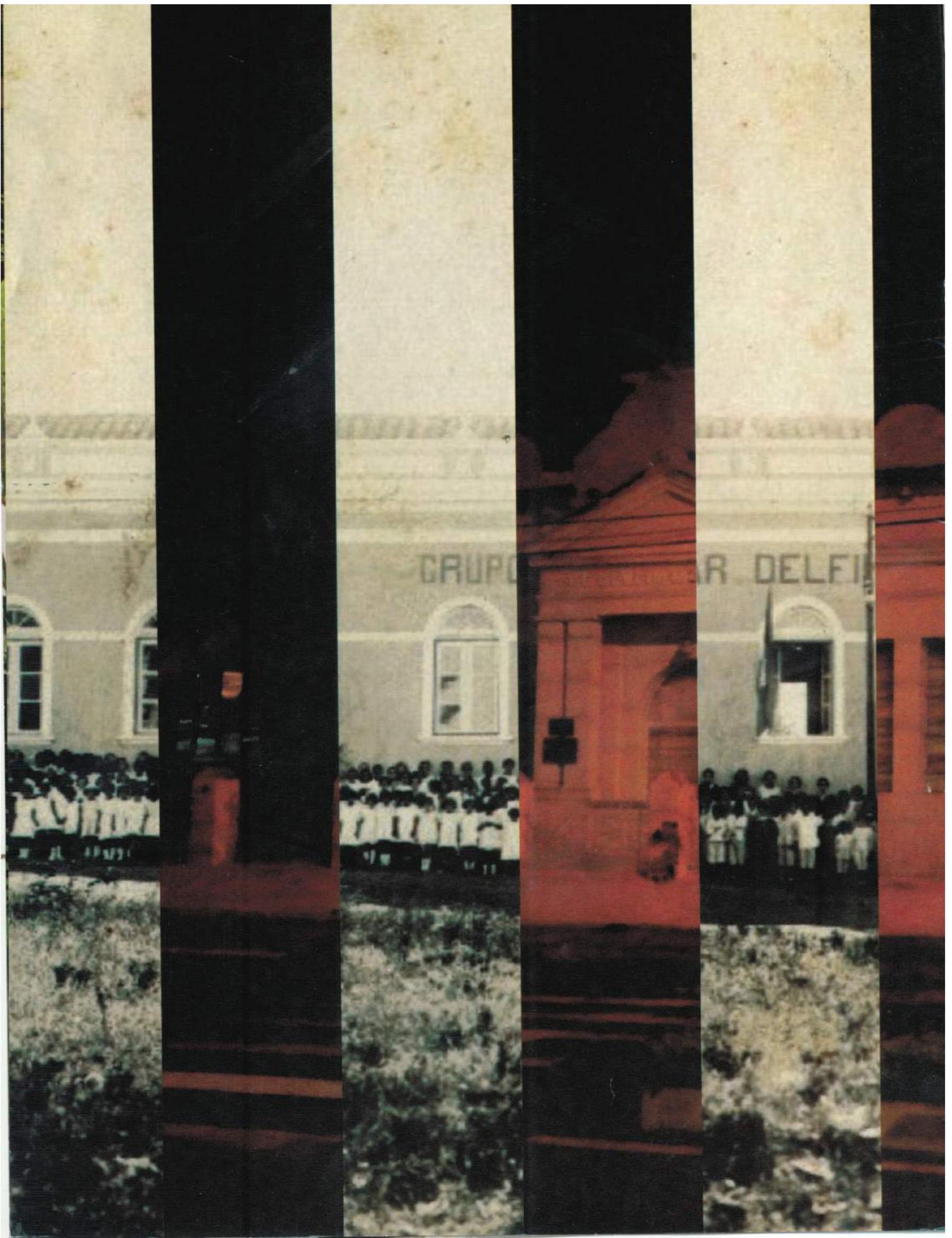


100 anos Escola Estadual Delfim Moreira



Inauguração
do novo prédio
em fevereiro
de 1931. Hoje,
fevereiro de
2012.





100 anos
Escola
Estadual
Delfim
Moreira



Sumário

Palavras do
presidente

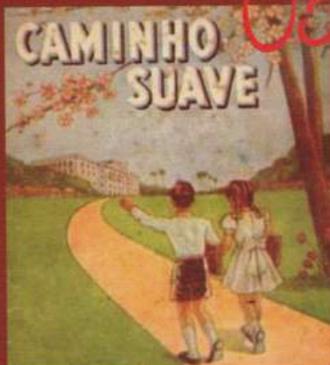
03

Primeiras
palavras

04

Aspectos legislativos da
educação brasileira na
República

05

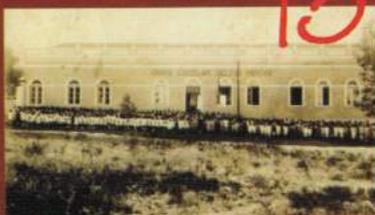


O entrecruzar da
educação, da cultura,
da política e da
sociedade em Araxá
de 1810 até 1911



No ar uma nova ordem:
a razão de um Grupo
Escolar

15



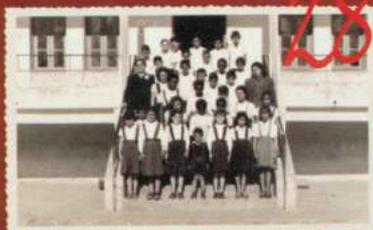
Galeria das Diretoras:
1911 a 2011

19



Retrospectiva histórica
dos 100 anos

28



A Evolução dos
uniformes

46

Saudade:
sentimento que ninguém
explica mas que todos
entendem

49

Minhas expectativas
para os próximos
100 anos

54

Referências
bibliográficas

55

O Trem da HISTÓRIA



Prefeito Municipal:
Jeová Moreira da Costa



Presidente:
Walter Ogawa Silva

Concepção, pesquisa e texto:
Keyla Barbosa Machado
Historiadora

Maria de Lourdes Ribeiro Gaspar
Mestre em História da Educação

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Historiadora

Revisão:
Rosa Helena Vilaça de Abreu

Criação e editoração:
Radix Comunicação e Tecnologia
Araxá-MG - Telefone: (34) 3664-8400

Impressão:
Aline Editora e Artes Gráficas
Uberlândia-MG
Fone: (34) 3231-1500
www.graficaaline.com.br

Fotos:
Arquivo Fundação C. Calmon Barreto
Acervo Escola Estadual Delfim Moreira

Ilustrações:
Google imagens

Tiragem:
1.000 exemplares

Contato:
Praça Arthur Bernardes, 10 - Centro
Araxá/MG - 38.183-218
Fones (34) 3691-7090 - 3691-7093
e-mails: cultura@araxa.mg.gov.br
fccb.araxa@gmail.com

As informações contidas nesta
revista podem ser reproduzidas
desde que citada a fonte.

Palavras do presidente

O Trem da História, nesta edição, comemora os 100 anos da Escola Estadual Delfim Moreira. O objetivo é fazer desta publicação uma fonte histórica sobre a gênese e o desenvolvimento do ensino fundamental na nossa cidade. A disponibilização deste recurso historiográfico constitui imensa satisfação para a FCCB, pois temos a certeza de mais uma vez cumprir a nossa missão: historiar puxando pelo fio da memória.

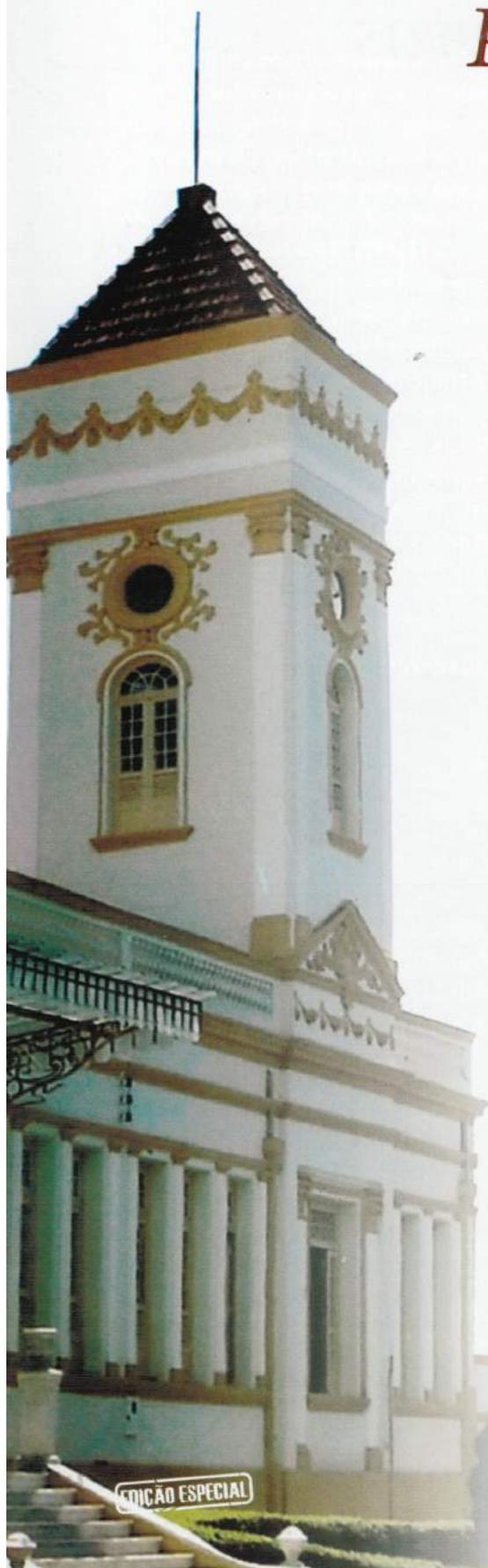
O legado desta instituição de educação foi disponibilizado em uma linha historicamente construída, abordando o contexto nacional, estadual e municipal de criação do antigo grupo escolar, hoje escola estadual.

Buscamos apresentar as relações sociais, políticas, econômicas e culturais da cidade que colaboraram para a criação deste local específico do saber, em um momento que o Brasil se propunha a entrar na modernidade como oportunidade profícua de cumprir o seu destino de país do futuro. Para tanto, fazia-se necessário que a educação, mola mestra da modernidade, fosse erguida de forma majestosa no âmago da sociedade brasileira.

A FCCB recorda este contexto oferecendo, nesta publicação, o modo como se deu esta relação no âmbito municipal, apresentando a importância da criação do grupo escolar, rememorando o desenvolvimento do ensino na cidade por meio da galeria das diretoras e aproximando o público do lugar de direito que esta escola tem no cenário araxaense.

Desejamos, por fim, que a leitura seja prazerosa e que esta seja mais uma edição a ser conservada com carinho, pois este Trem da História presta sua homenagem às pessoas que fizeram de sua vida uma vida dedicada à educação das novas gerações.

Walter Ogawa Silva
Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto



Primeiras palavras

Talvez o maior legado da FCCB para muitos araxaenses seja justamente o seu papel de memorialista. Foi pensando nesta função que se optou por realizar uma edição comemorativa dos 100 anos da Escola Estadual Delfim Moreira. Para muitos araxaenses, esta instituição, localizada na Av. Getúlio Vargas, representa um divisor de águas. Muitos possuem boas lembranças do tempo em que, ainda crianças, aprenderam as primeiras letras e números em suas salas de aula, exploraram suas curiosidades e interagiram com outras pessoas.

Passamos grande parte de nossas vidas na escola. Seu objetivo vai além de apenas socializar os conhecimentos armazenados pela humanidade. As pessoas que ali encontramos serviram-nos de referência moral e ética, assim como também, houve troca de influência. Paulo Freire, sabiamente, defendeu: "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão", e assim acreditamos...

Partindo deste ponto de vista, optamos por apresentar referências historiográficas sobre os aspectos legislativos da educação brasileira na República, que

representou uma ruptura com toda a mentalidade arcaica que dominava o Brasil. A escola, neste sentido, foi determinante para materializar esta ideia. Ao longo deste período, passamos por diversas reformulações na educação consolidadas nas leis e reformas educacionais. Daí, a importância de trazer ao público como se deu a evolução da estrutura e funcionamento do ensino brasileiro.

Ao ressaltar o entrecruzar da educação, da cultura e da política na sociedade araxaense – 1810 a 1911 – procuramos, através de documentos, reconstruir este período histórico.

Após abordar o contexto anterior à criação do grupo escolar, coube-nos a gênese do grupo escolar. Considerados "Templos do Saber", os grupos escolares destinavam-se a construir uma nova ordem na sociedade. Significavam, portanto, uma ruptura com o passado e o acesso à modernidade.

A galeria das diretoras é um espaço destinado às pessoas que estiveram a frente da instituição e que se dedicaram a liderar o desenvolvimento da escola. Esta seção possui textos visuais acompanhados de textos escritos que buscam tecer o fio que entrelaça tantas vidas.

A trajetória da Escola Estadual Delfim Moreira fica, ainda, eternizada na retrospectiva histórica dos 100 anos que, além de personificar, por meio de imagens fotográficas, este percurso, rememora a saudade: sentimento que ninguém explica, mas que todos entendem e sentem.

Por fim, trazemos as expectativas para os próximos 100 anos na palavra da então gestora, Serise Maria Santos, constituindo, assim, fonte de novas aspirações de um futuro ainda mais promissor. Uma escola erguida na essência do povo araxaense, agente de aproximação de nossa identidade e modo de estabelecer um elo entre as gerações.

Ao historiar os 100 anos da Escola Estadual Delfim Moreira a expectativa é que muitos diálogos possam se formar por meio de novos estudos e novas pesquisas sobre a educação araxaense conferindo a cada um de nós, o lugar de honra que merecemos na mente e no coração dos que virão, escudados no pensamento de Monteiro Lobato: "um país se constrói com homens e livros".

Maria de Lourdes Ribeiro Gaspar
Mestre em Educação
Coordenadora de Projetos da
Fundação Cultural Calmon
Barreto - 2009/2011.

Aspectos legislativos da educação brasileira na República

A luta pela instauração da República, que remonta ao período Colonial, esteve presente em episódios como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana e culminou na Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. O ideal da sociedade escravagista não sustentava as transformações sociais, políticas e econômicas que emergiam no país, e que marcaram o período a seguir.

A abolição da escravatura, a organização do trabalho livre, a chegada dos imigrantes, o crescimento da indústria, a queda do Império e a instalação da República, com certeza foram elementos favoráveis a uma renovação pedagógica, curricular e cultural.

Uma nova base era necessária para a expansão do ensino brasileiro. Um reflexo desse momento na Educação está nas várias reformas para solucionar alguns problemas educacionais, como, por exemplo, a integração educativa da nação, o ensino primário, a formação dos professores e o objetivo do ensino secundário.

Com a Proclamação da República, Benjamin Constant criou o Ministério de Instrução, Correios e Telégrafos e propôs uma Reforma em 8 de novembro de 1890. Assim, na primeira República, a educação foi definida como "instrução primária, livre, gratuita e leiga, dada no Distrito

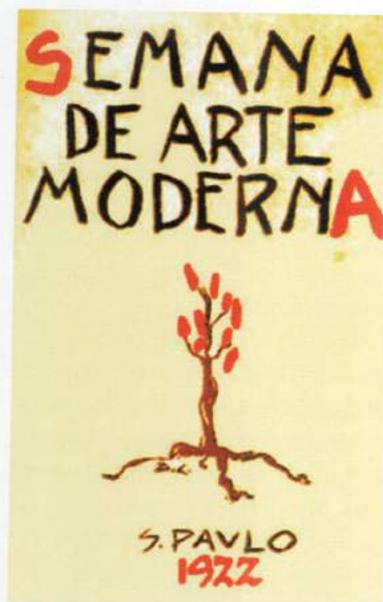
Federal em escolas públicas de duas categorias: 1ª) escolas primárias de 1º grau; 2ª) escolas primárias de 2º grau". Seguia os princípios estipulados pela Constituição brasileira e eram orientadores para a liberdade do ensino como também a gratuidade da escola primária.

Apesar de se perceber na organização escolar uma influência da filosofia positivista proposta por Augusto Comte, esta reforma foi muito criticada, porque não respeitava os princípios pedagógicos de Comte. Dentre as ações, expulsou os jesuítas e, pela primeira vez, inaugurou uma nova fase que abrangeria uma diretriz educacional, ou seja, rompia-se drasticamente com a tradição do currículo clássico jesuítico para introduzir um currículo baseado no princípio científico de Comte.

Os méritos desta reforma, entretanto, não residem somente na introdução do modelo seriado de ensino ou mesmo na ampliação da base positivista na educação brasileira, mas também no fato de ter definido um modelo, o que, por si só, trouxe uma enorme contribuição à educação nacional, ainda que esfacelada nos recém-criados estados federados. Estes não poderiam arcar sozinhos com o pesado ônus da expansão das escolas. Somente alguns puderam assumir a tarefa do ensino primário, como gratuito e obrigatório,

responsabilidade prevista na Constituição Estadual. Minas Gerais é um exemplo dos que não conseguiram arcar com este custeio.

A década de 1920 foi marcada pelo confronto de ideias entre correntes divergentes e o acontecimento de diversos fatos relevantes no processo de mudança das características políticas brasileira: o Movimento do Forte, a Semana da Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista em 1922, a Revolta Tenentista em 1924 e a Coluna Prestes (1924-1927).



Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 em São Paulo aconteceu o maior evento das artes no Brasil, a primeira Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal. Dias onde a pintura, escultura, poesia, literatura e música foram apreciadas e discutidas.

No que se refere à educação foram realizadas importantes reformas de abrangência estadual. Educadores renomados lideraram movimentos em diferentes estados da nação. A consolidação da Escola Nova se fez nos momentos de implantação das diversas reformas escolares empreendidas no país, entre elas, a de Minas Gerais, protagonizada por Francisco Campos, durante o governo de Antônio Carlos. A anúncio dela se deu em 15 de outubro de 1927, data em que se comemorava o centenário da instrução pública no Brasil. Neste dia, também, foi promulgada a Reforma do Ensino Primário e Normal (Decreto-lei n. 7.970), seguido posteriormente a esta legislação, o Programa do Ensino Primário (Decreto n. 8.094 de 22/12/1927), o Regulamento do Ensino Normal (Decreto-lei n. 8.162 de 20/01/1928), o Programa de Ensino Normal (Decreto-lei n. 8.225 de 11/02/1928) e o Regulamento da Escola de Aperfeiçoamento (Decreto-lei n. 8.987 de 22/02/1928).

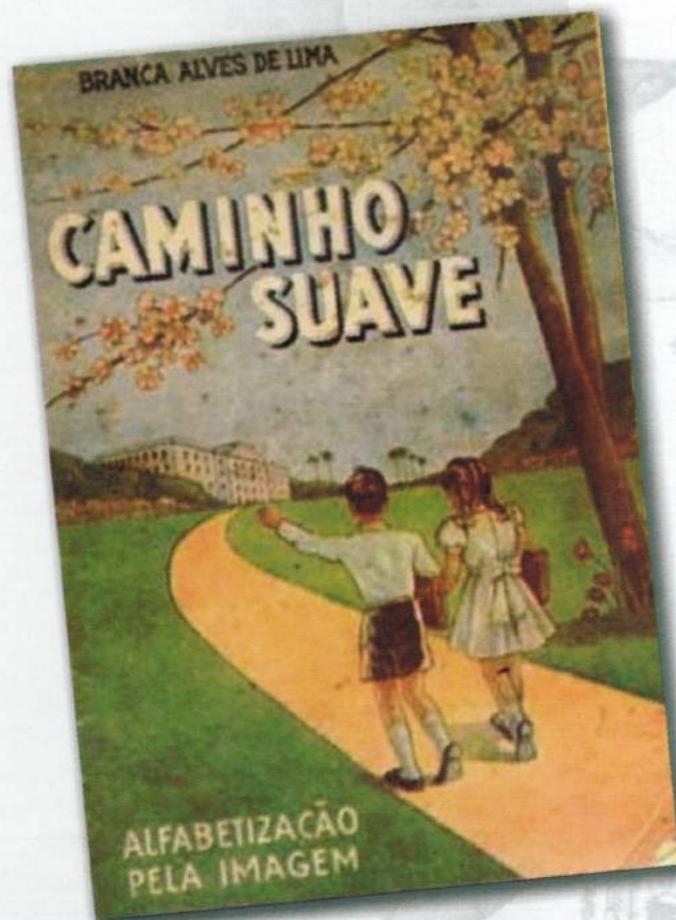
O movimento renovador de Francisco Campos está diretamente ligado à ideia de uma república renovada, enquanto a implantação da escola nova é tratada como o marco inicial da educação no Estado. O movimento da escola nova trouxe em seu discurso, a necessidade de definir interesses e aptidões das crianças no sentido de aplicar-lhes a melhor pedagogia. Instaurou-se na cultura pedagógica escolar brasileira a prática de medir fortes e fracos e disseminou-se a ideia de que a diferença era um mal a ser tratado. Ao apli-

car testes nos alunos, objetivava-se verificar o grau de homogeneização das classes, regularizar os critérios de promoção e contribuir para a sua organização, que seriam, posteriormente, agrupadas por grau de semelhança.

Antes de 1930, a legislação estadual já previa a obrigatoriedade escolar como sendo responsabilidade dos pais enquanto que a participação do poder público era discreta, pois, não estava regulamentada em lei. A partir desta época temos um Brasil renovador cujo objetivo é transformar as condições do ensino.

A crise mundial que assolou o mundo em 1929 repercutiu diretamente sobre as forças produtoras rurais no Brasil. Com isto, implantava-se o sistema capitalista de produção; devido ao acúmulo de capital (no período anterior) o Brasil pôde investir no mercado interno e na produção industrial. O clima desta década propiciou a tomada do poder por Getúlio Vargas em 1930.

A nova realidade brasileira passou a exigir uma mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na educação. Então é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, através do Decreto 19.402. Dentre os



ministros, encontrava-se Francisco Luiz da Silva Campos. O governo sanciona, então, uma série de decretos com o objetivo de organizar o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes decretos ficam conhecidos como "Reforma Francisco Campos".

Ela tentou tirar do ensino secundário a conotação de ponte para o ensino superior. Criou um corpo de inspetores especializados por grupos de matérias e estabelecimentos, o que reforçou a estrutura curricular destes na medida em que deu suporte técnico e administrativo. Dessa forma, as escolas foram obrigadas a abandonar os cursos preparatórios, aulas avulsas e implantar um currículo, que, em sua maioria, era enciclopédista. Todavia, declaradamente elitista, a reforma não mencionou o ensino primário e os problemas da educação popular, mas traçou diretrizes e soube dar uma organização ao ensino secundário do ponto de vista geral.

Teve como característica o predomínio do ensino científico sobre o clássico. O curso ginásial de sete anos na Reforma Benjamin Constant (1890), de seis anos na Reforma Eptácio Pessoa (1901) e Reforma Rivadávia (1911), de cinco anos na Reforma Maximiliano (1915), de seis anos na Rocha Vaz (1925), voltou a ser de cinco anos na Reforma Francisco Campos (1931).

Em 1932, um grupo de educadores lança à nação o Manifesto dos Pioneiros. Dentre tantos princípios encontramos a defesa de que o "estado não pode tornar o ensino obrigató-

rio, sem torná-lo gratuito." Também aspirava que a obrigatoriedade da educação primária devesse ser estendida até os dezoito anos, idade conciliável com o trabalho.

A Constituição de 16 de julho de 1934 dispõe, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos poderes públicos. Esta Constituição foi revogada em 1937, quando Getúlio Vargas, num golpe de Estado, instala o Estado Novo.

Com tendências fascistas, a Constituição de Getúlio Vargas conhecida como "Polaca", apresentava nas ideias político-educacionais uma sugestão de preparação da mão-de-obra para o mundo capitalista. Desta forma, enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional. Mantém a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário e também dispõe, como obrigatório, o ensino de trabalhos manuais em todas as escolas normais, primárias e secundárias.

Neste período, é bem nítida a distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional, para as classes mais desfavorecidas. É pertinente dizer ainda que, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógico (INEP) foram criados, em 1938.

Dentre as ações deste período, ressalta-se a inclusão de Educação Cívica como disciplina nos currículos e de Educação Física como obrigatória, os auditórios comemorativos das datas cívicas, os torneios de educação

física, o culto aos símbolos da pátria e aos grandes homens, o estímulo às campanhas para a defesa de nossos princípios e soluções de nossos problemas.

Por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema em 1942, foi realizada uma nova Reforma no sistema de ensino e esta se baseou em seis decretos-leis. Neste conjunto de leis, também conhecida como Reforma Capanema, o ensino ficou definido por cinco anos de curso primário, quatro de curso ginásial e três de colegial, podendo ser na modalidade clássica ou científica.

O destaque desta reforma é que foi criado em 22 de janeiro de 1942 o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que trazia no seu bojo, a obrigatoriedade das indústrias empregarem um total de 8% dos operários e matriculá-los em escolas do SENAI. Somente no final do ano seguinte (28/12/1943) foi baixado o decreto-lei que regulamentava o ensino comercial. Porém, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) só veio a ser criado em 1946, após o Estado Novo.

A obrigatoriedade escolar prevista na Constituição de 1946 apresentou margem para diferentes pontos de interpretação. A questão da educação como dever do Estado reapareceu nos debates dos constituintes e foi defendido por uns e questionado por outros.

A concepção restrita de obrigatoriedade escolar, que se fez presente na Carta Constitucional de 1946 não implicava dever do Estado perante o indivíduo, mas somente dever do indivíduo perante o Estado. Mas

ainda afirmava o direito de todos à educação, à gratuidade do ensino primário e do ensino ulterior ao primário para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos. Não explicitou a educação como dever do Estado, nem assumiu o conceito amplo de obrigatoriedade. Contudo, regulamentou o ensino primário e o ensino normal.

Em 1953, foi criado um único Ministério para a Saúde e com isso o Ministério de Educação e Saúde Pública passa a se chamar Ministério de Educação e Cultura.

A educação no Brasil sempre esteve vinculada aos fatores econômicos e políticos do país e, na elaboração da 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os determinantes foram os embates dos modelos econômicos (agrário-exportador e urbano industrial). Depois de exaustiva e demorada tramitação, foi promulgada, em 20 de dezembro de 1961, a Lei n. 4.024 – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – com princípios do direito à educação, da obrigatoriedade escolar e da extensão da escolaridade obrigatória. Esta lei estabeleceu um currículo básico para todo o território nacional e manteve a estrutura tradicional de ensino das legislações anteriores. Na realidade, tornou-se uma solução de compromissos e concessões mútuas entre os defensores da escola pública e os adeptos à rede particular vinculada à Igreja que buscava manter-se no sistema educativo após perder seu mandato durante o início do século. Ao mesmo tempo não fixou um currículo rígido para todo o país em cada

nível e ramo de ensino. Esta medida foi relevante por possibilitar aos estados anexarem disciplinas optativas ao currículo, de acordo com os recursos materiais e humanos de que dispunham.

Esta lei foi refeita em 1968, após o golpe militar (1964) e o ensino superior passou por reformas através da lei n. 5.540 – Lei da Reforma Universitária. As ações que motivaram a sua implementação foram originadas pelo acúmulo de pressões das camadas médias, a favor da ampliação das possibilidades de acesso à universidade. Em suma, a política educacional instituída precisou adaptar o sistema educacional ao atendimento dos interesses da estrutura de poder edificada, propagando o seu ideário, reprimindo seus opositores e reestruturando uma tripla função: a reprodução da força de trabalho, a conservação das relações de classes e a eliminação de um dos principais focos de dissenso político.

Um pouco antes, em 1967, o governo militar promulgou uma nova Constituição. Foi incorporada ao texto final a obrigatoriedade por faixa etária e não por nível de ensino (dos sete aos quatorze anos), quando atendeu uma sugestão da Associação Brasileira de Educação, após a Conferência Nacional de Educação realizada em Salvador no mesmo ano.

A emenda constitucional de 1969 tentou corrigir a lacuna deixada pela de 1967. Pela primeira vez, um texto constitucional traz uma afirmação explícita: “a educação é dever do Estado”, faz ainda a relação da obrigatoriedade escolar com a



faixa etária e o nível de ensino.

Os estudiosos que elaboraram o anteprojeto que se transformaria em lei (n. 5.692 de 11 de agosto de 1971) já definiram o ensino primário em 1º grau (duração de oito anos letivos e idade mínima de sete anos) e o ensino médio em 2º grau. É no período mais cruel da ditadura militar, onde qualquer expressão popular contrária aos interesses do governo era abafada, muitas vezes pela violência física, que esta lei é instituída.

Ela promoveu alterações na estrutura organizacional da educação brasileira e apresentou de forma bastante clara a determinação e a ordenação dos períodos, séries, faixas ou etapas a serem vencidas pelos alunos para completar seus estudos, em todos os graus de ensino. Trouxe, ainda, alterações no sentido de cortar os aspectos liberais constantes na lei anterior, estabelecendo um ensino tecnicista para atender ao regime militar vigente voltado para a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista. A característica marcante foi a tentativa de dar à formação educacional um cunho profissionalizante.

Em 18 de outubro de 1982, a lei n. 7.044 alterou a de n. 5.692/71 nos parágrafos referentes à profissionalização do ensino de 2º grau, dispensando as escolas da obrigatoriedade da profissionalização, voltando a ênfase à formação geral.

Assim, possibilitou-se a organização de classes que reuniam alunos de diferentes séries e de equivalentes níveis de adiantamento, para o ensino de línguas estrangeiras e outras disciplinas, áreas de estudo e atividades.

Em 1985, o processo de abertura política tornou-se inevitável, tamanha foi a pressão popular. Acontece, então, a campanha das "Diretas Já" almejando o fim da ditadura militar, devido ao fato de ela já demonstrar fragilidade para se manter, haja vista os pilares que a sustentavam.

Com o fim do regime militar, pensou-se poder debater questões sobre educação de uma forma democrática e aberta. Mas a discussão sobre as questões educacionais já haviam perdido o seu sentido pedagógico e assumido um caráter político.

A Constituição de 1988

nasce com a necessidade de se discutir novos rumos para a educação do país. Os projetos de lei encaminhados à Câmara assumiram um cunho progressista e democrático e foram gerados a partir de muitas controvérsias e amplos debates na sociedade civil.

Profissionais, por exemplo, da área de Sociologia, Filosofia, Antropologia, História e Psicologia, antes impedidos de atuarem em suas funções por questões políticas, durante o Regime Militar, passaram a falar de educação num sentido mais abrangente. Essa contribuição da participação mais ativa de pensadores de outras áreas do conhecimento é que favoreceu a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases em 1996, discutida por oito anos na Câmara Federal, e que vigora até hoje.

Após a promulgação da Constituição, três outros dispositivos legais introduziram modificações no tema em estudo: o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990), a Emenda Constitucional 14 e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. As modificações no Estatuto da Criança e do Adolescente veio estabelecer que os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos na rede regular de ensino.

A Emenda Constitucional 14, encaminhada ao Congresso Nacional por iniciativa do Poder Executivo e sancionada em setembro de 1996, modificou, entre outros, os incisos I e II do art. 208 da Constituição, onde ficou redigido que o dever do



Capa da Constituição brasileira de 1988

Estado será efetivado mediante a garantia do ensino fundamental obrigatório e gratuito e a progressiva universalização do ensino médio gratuito.

Entre os importantes programas conquistados com a Emenda, destaque para a criação do FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério, do Exame Nacional do Ensino Médio, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Exame Nacional de Cursos, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

Todas as conquistas legais aqui registradas são resultados de significativos embates e lutas. Todavia, elas só adquirem o seu verdadeiro sentido quando os poderes públicos se revestem da vontade política de torná-las efetivas e a sociedade civil organizada se mobiliza no sentido de defendê-las e exige o seu cumprimento na justiça e nas ruas, quando necessário.



O entrecruzar da educação, da cultura, da política e da sociedade em Araxá de 1810 até 1911

“ Antes... tudo era somente uma grande extensão de terras rurais. Depois foi demarcado o patrimônio religioso e construída a primeira Igreja Matriz de São Domingos do Araxá. A paisagem urbana começou a ser delineada a partir do antigo largo da Matriz, de onde saíram ruas estreitas. Algumas delas atingiram espaços que se transformaram em praças, outras tornaram-se avenidas como a atual Av. Antônio Carlos. Em meio ao rural e ao urbano aos poucos foram definidos os espaços a serem ocupados, primeiro pelo poder eclesiástico e, depois, pelo poder público e pelo cidadão. Como tantas outras cidades, assim nasceu Araxá. ”

Glaura Teixeira Nogueira Lima



Procissão realizada, em 1915, na praça da antiga Matriz cujo objetivo era a colocação da imagem de Jesus na cruz no Salão Nobre do Tribunal do Júri e das reuniões do Fórum que aconteciam no andar superior da Câmara Municipal, prédio este localizado na mesma praça. Arquivo SAPP/FCCB-00253.

EDIÇÃO ESPECIAL

Monseu

Da educação

Em 1810, a população local reivindicou à autoridade eclesiástica de Goiás, a qual estava subordinada, a criação de um estabelecimento de ensino primário. A instrução teria iniciado nessa época com a missão dos "Padres da Terra Santa". Eles fundaram um "hospício" ou "recolhimento" e atuaram, mesmo que por pouco tempo, no local onde hoje se localiza a Santa Casa de Misericórdia.

Atendendo ao pedido da Câmara Municipal, o Palácio do Governo da Província de Minas Gerais, em 1853, encaminha a portaria que cria a "Cadeira de Instrução primária para o sexo feminino". O mesmo documento indica a professora D. Francisca Tertuliana de Toledo para ocupá-la.

Nas décadas de 1870, 1880 e 1890, professores públicos de instrução primária para o sexo feminino e o masculino atuavam em Araxá e nos distritos de Conceição (Perdizes), Dolores de Santa Juliana (Santa Juliana), Santo Antônio da Pratinha (Pratinha) e São Pedro de Alcântara (Ibiá). Nos livros do Cartório do 1º Ofício de Notas de Araxá existem procurações dos professores requerendo seus proventos junto ao Governo da Província em Ouro Preto. Nestes documentos constam nomes como Joaquim Rodrigues Teixeira Valle e sua mulher Maria da Conceição Silva Valle, Valeriano Rodrigues Santos, Francelino José Cardoso Júnior e sua mulher Marcelina de Fontes Palhares Cardoso, Simplício Pinto da Silva, Anna Jacinth

de Toledo, Gabriela Archanja Benigna da Silveira, Maria Madalena França, Maria Etelvina da Conceição, Leônia Coelho de Araújo.

Em 1890, Araxá possuía quatro escolas públicas de instrução primária. Segundo consta, o nível era deficiente ao ponto de a imprensa local publicar denúncias e fazer com que os pais matriculassem os filhos nas escolas particulares existentes.

Victorine Cousin de Almeida, francesa, criou em 1892, um internato e externato para o sexo feminino, tendo lecionado aqui e em São Pedro de Alcântara por alguns anos.

Entre os anos de 1895 e 1897 funcionou no segundo andar do prédio da Câmara Municipal, um colégio de instrução secundária: o Colégio São Luiz. Foi seu diretor o Cônego Pedro Pezzuti e faziam parte do corpo

docente Dr. Maximiano Lopes Chaves, Teófilo de Azevedo e Dr. João Jacques Montandon.

Neste período, funcionou também o Externato Araxense fundado pelos professores Cassiano Rafael de Affonseca e Silva e Francelino José Cardoso Júnior.

No início do século XX, o francês Marques Chambrie e Vinaud (Marcolino Vinaud) conheceu Araxá e gostou. Lecionou matemática, português e francês.

No final de 1903, a família do Capitão Antônio Chaves de Magalhães mudou-se para Araxá e fundou, para meninas, o Colégio Nossa Senhora do Carmo. O Colégio foi dirigido pela filha mais velha do Capitão, Maria de Magalhães e nele as outras filhas lecionaram.

É importante registrar a iniciativa dos professores particulares, responsáveis pela alfabetização de grande número de crianças.



Antiga Praça da Matriz, atual Praça Cel. Adolpho, vendo-se ao fundo, o prédio da Pensão Tormin (nele funcionaram os Colégios Nossa Senhora do Carmo e Santa Filomena). Na extremidade direita, vê-se o prédio da Câmara Municipal (no segundo andar, funcionou o Colégio São Luiz). 1914/1915. Arquivo SAPP/FCCB-00239.

Da cultura

Todo movimento político, cultural e social da cidade encontrava-se no entorno de uma praça cujo objeto central era uma Igreja. A crença religiosa, especificamente a fé católica, foi determinante na configuração dos espaços sociais em Araxá. O movimento religioso girava em torno das festas em consagração a um santo de devoção, que determinaria a qual grupo social e político o cidadão estaria interligado.

Essa especificidade do cotidiano de Araxá ficou inscrita nos "Anais da História" política, cultural e social de seu povo, que compuseram os processos de suas práticas culturais e suas representações sociais. Em 15 de abril de 1919 o requerente, Francisco Porfírio A. Machado deseja do poder público, na qualidade

de encarregado de promover os festejos da Semana Santa, "mandar colocar algumas lampadas de mais força nas Ruas do Comercio, São Sebastião e Flores, ruas onde devem passar as procissões de hoje até o Domingo de Paschoa". Pedido, sobre o qual o prefeito municipal delibera:

“*Attendido, pois os desejos do requerente coincidem com o proposito da administração municipal de melhorar as condições das ruas que constituem o trajecto das procissões de Araxá.*”
(grifo nosso)

Saída dos romeiros da Igreja Matriz de São Domingos com destino ao Santuário de Nossa Senhora D'Abadia da Água Suja. Década de 1950. Arquivo SAPP/FCCB - 00057.



O antigo Cine Trianon foi construído em 1922 por iniciativa de seu proprietário, Maestro Elias Porfírio de Azevedo, e demolido 50 anos depois.

Durante décadas atuou como importante espaço cultural para a cidade.

Data: 1920/1930. Arquivo SAPP/FCCB - 01666.



Por meio de documentos capazes de atestar a vida social no período demarcado, foi possível constatar como as deliberações rotineiras do presidente da Câmara Municipal, entre os anos de 1892 a 1914 e, a partir de 1915, pelo prefeito do município, que a sociedade araxaense dividia seus momentos de fé religiosa e lazer entre espetáculos circenses, com grande incidência para Circos de Touradas e o divertimento proporcionado pelo Cinema Trianon, a partir de 1922.

À vida social e cultural, predominantemente permeada pelas festas de cunho religioso, nas quais aconteciam os bailes, os leilões no coreto da praça, as barraquinhas que comercializavam petiscos diversos, ou seja, aquilo que em Minas Gerais, chamamos de quermesse, veio somar-se o estímulo ao turismo, na forma de banhos terapêuticos proporcionados pelas águas minerais da estância hidromineral.



Baile da Chita. 1935/1940. Arquivo SAPP/FCCB-00227.



O "Bloco Bico de Pena" passeando pelas ruas de Araxá no Carnaval de 1930. 04/03/1930. Arquivo SAPP/FCCB-00359.

Da política

O marco inicial de Araxá se deu com a concessão e demarcação da Sesmaria do Barreiro (1785) em cujas terras se formaram o Arraial de São Domingos do Araxá.

Seguindo os padrões de assentamento adotados pelos portugueses no Brasil, parte destas terras rurais demarcadas, foi doada ao patrimônio de Igreja onde se construiu uma capela

devotada ao santo padroeiro, São Domingos.

Em 20 de outubro de 1791 foi criada a Freguesia de São Domingos do Araxá com a nomeação do primeiro vigário.

A Freguesia de São Domingos do Araxá tendo progredido rapidamente, foi elevada a Julgado em 20 de dezembro de 1811.

Em 1816, o antigo Sertão

da Farinha Podre (atuais Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba), anexado desde 1766 à Capitania de Goiás, retornou à Jurisdição de Minas Gerais, graças ao movimento dos moradores do Julgado de Araxá.

Araxá foi elevada à Vila em 13 de outubro de 1831, quando foi criada a primeira Câmara Municipal, empossada em 1833. Em 19 de dezembro de 1865 foi

elevada à categoria de Cidade, embora esta condição não tenha alterado significativamente o cotidiano dos araxaenses.

Com o advento da República, em 1889, foi criado um Conselho de Intendência, que substituiu a Câmara Municipal até a consolidação do novo regime.

Finalmente, em 1915, foi criada a Prefeitura, após acordo firmado entre o Governo de Minas Gerais e a Câmara Municipal. Segundo este acordo, a Câmara cedeu ao Estado os direitos de explorar as fontes do Barreiro com seus terrenos próximos. Em contrapartida, foi criada a Prefeitura de Araxá, nomeando-se um prefeito para administrar a cidade.

Da sociedade

Da criação do arraial até 1816, a sociedade era composta de negros (escravos), tropeiros, mercadores, clero, artesãos e fazendeiros.

De 1816 até 1890 surgiram os comerciantes, os trabalhadores rurais, os políticos, os educadores, os imigrantes, os profissionais liberais e os funcionários públicos.

No período entre 1890 a 1915 apareceram novas categorias: hoteleiros e pequenos industriais.

LIVRO DA LEI MINEIRA 1865 TOMO XXXI – PARTE 1ª. FOLHA N. 3

LEI No. 1.259 – DE 19 DE DEZEMBRO DE 1865
Carta de Lei que eleva à categoria de Cidade a Villa de S. Domingos do Araxá.

JOAQUIM SALDANHA MARINHO,
Presidente da Província de Minas Geraes: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º. Fica elevada a categoria de Cidade a Villa de S. Domingos do Araxá, conservando o mesmo nome.

Art. 2º. Revogão-se as disposições em contrário.

Mando por tanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como n'ella se contem. O secretario d'esta Provincia a faça imprimir publicar e correr. Dada no Palacio da Presidencia da Provincia de Minas Geraes aos 19 de Dezembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e cinco, quadragesimo quarto da Independencia e do Imperio. L.S.) Joaquim Saldanha Marinho.

Silverio Teixeira da Costa a fez.

Sellada na Secretaria da Presidencia da Provincia aos 20 de Dezembro de 1865.

Dr. Henrique Cesar Muzzio.

Nesta Secretaria do Governo foi publicada a presente Lei aos 5 de Janeiro de 1866.

Dr. Henrique Cesar Muzzio.

Lei provincial que estabeleceu a emancipação política de Araxá. Arquivo FCCB.

No ar uma nova ordem: a razão de um Grupo Escolar

Aos 100 anos, a Escola Estadual Delfim Moreira continua estabelecida, majestosamente, na Av. Getúlio Vargas, bem no centro da cidade de Araxá. Poucas pessoas sabem como se deu a sua criação, quem se empenhou na sua construção e consolidação como “Templo do Saber”.

Ao empreender a criação do grupo escolar em Araxá, a preocupação de seus idealizadores foi a ruptura com a organização escolar vigente até o momento, na forma de escolas isoladas, as representavam o atraso que os dirigentes políticos locais tencionavam imputar ao passado. Neste intuito, apelaram para a falta de material didático e de prédios sem infraestrutura adequada ao atendimento de crianças em idade escolar. Clamavam por bons professores, melhores condições de atendimento daqueles que necessitavam estudar em prédios construídos sob os rígidos padrões de higiene e organização espacial condizentes com a modernidade.

Ao historiar a criação e os primeiros anos de funcionamento da primeira escola pública de Araxá, criada nos moldes do projeto de grupo escolar, buscou-se destacar os caminhos do Grupo Escolar Delfim Moreira em sua relação com a história da cidade, bem como os caminhos

percorridos por atores vários, excluídos ou não desse caminho: profissionais do ensino, alunos, comunidade, inspetores e autoridades, a quem coube, não só produzir, mas também reproduzir a sociedade, suas relações e suas práticas culturais. A instituição foi uma das primeiras escolas públicas agrupadas da região, iniciando suas atividades em 1911, com o propósito de atender à gratuidade, à publicidade e à laicidade do ensino, como também de se perpetuar.

As cidades, de modo geral, cresciam no entorno do movimento político, cultural e social da cidade cujo centro era uma igreja. A crença religiosa católica foi determinante na configuração dos espaços sociais em Araxá. O movimento religioso girava em torno das festas em consagração a um santo de devoção que determinaria a qual grupo social e político o cidadão estaria interligado.

Com a instauração da República, em 1889, sentiu-se a necessidade de se produzir uma identidade como forma de configurar a nacionalidade. Nesse sentido, a escola mostrou-se como a instituição capaz de realizar as transformações necessárias à sociedade, à higiene, à moralidade e à estatística, valores que se apresentaram à modernidade que se desejava instaurar no país.

O projeto político gestado na Proclamação da República iria impor um novo traçado urbano à cidade. As construções religiosas perderam a evidência e outras construções ganharam destaque, como as lojas, o teatro, o cinema e a escola pública. Na esteira da Revolução Industrial, a implantação da modernização nas cidades tinha como um de seus pilares o ensino básico obrigatório e a alfabetização da massa, pois se fazia necessário sistematizar um espaço para ajustar os indivíduos à complexidade das tarefas e exigências da sociedade industrial.

A luta pela implantação da escola pública na cidade de Araxá buscou atender as exigências apontadas no documento legal, apresentado pelo governo mineiro por meio do engenheiro José Dantas. No que se refere a estas especificações, a cidade não apresentava nenhum prédio que se adequasse e, na ânsia de proporcionar à população araxaense um lugar específico para a educação, uma vez que as escolas municipais mostravam-se precárias, o agente executivo, Dr. Franklin de Castro, solicita ao governo do Estado que proceda às obras para o melhoramento do prédio cedido provisoriamente pelo Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar, como deixa perceber o documento a seguir transcrito:

“ (...) a oferta que para o grupo escolar fez o Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar de um prédio por transferência precária, mas em boas condições necessitando-se somente ser adaptado para tal fim. A Camara pede (...) ao Engenheiro do estado para fazer o orçamento encarregando a Camara das obras. ”

O apelo feito ao governo mineiro através do ofício nº 33 de 1908 não era o primeiro a salientar a preocupação pública com a instalação de uma escola primária. A discussão é apresen-

tada nos documentos enviados à Secretaria do Interior do Estado desde 23 de janeiro de 1908, quando o agente executivo se viu impossibilitado de prover as escolas existentes:

“O presidente da Câmara de Araxá pede a V. Ex^a para ser determinada a ida do engenheiro àquella cidade, afim de verificar as condições do prédio que destina ao grupo escolar d'alli e ordenar as modificações a se fazerem. Pede mais para que sejam mantidos pelo estado as cadeiras municipais que em 1908, não pederão ser custeadas pela Municipalidade, prejudicando esse facto, contra sua vontade, a diffusão do ensino. ”

Os pedidos não cessaram e a discussão recomeçou no ano seguinte, 1909, sobre a edificação do grupo escolar. Nesta questão, ressalta-se a curiosa inscrição nos papéis timbrados da escola, que acusavam um “Segundo Grupo Escolar Delfim Moreira”, numa clara alegação de que já teria existido um grupo escolar. Ao longo da pesquisa empreendida, percebeu-se um hiato em relação a esta definição, que veio a ser preenchido por meio dos ofícios e correspondências encontrados no Arquivo

Público Mineiro. A interpretação desses documentos permitiu aferir que o prédio emprestado pelo Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar foi devidamente modificado em conformidade com as especificações exigidas. Deu-se início à instalação do grupo escolar ou, ainda, do agrupamento de escolas primárias. Em 30 de agosto de 1909, o então Secretário do Interior, Estêvão Leite de Magalhães Pinto, autoriza a construção do novo grupo escolar, que recebeu o nome de “Segundo Grupo Escolar Delfim Morei-

ra”, em cumprimento à promessa do Presidente do Estado, Wenceslau Brás Pereira Gomes.

De acordo com o presidente da Câmara de Araxá, Dr. Franklin de Castro, o Estado prometeu auxiliar, arcando com a metade dos custos da obra para edificação do grupo escolar, fato que aconteceu, quando o secretário do interior autoriza a realização em regime de urgência. Ao enviar o orçamento para a construção do grupo escolar de acordo com a planta do Estado, o presidente da Câmara expressava o desejo de que o edifício escolar recebesse o nome de “Dr. Wenceslau Brás”, o que se mostrou impróprio, já que o grupo foi inaugurado em 1911, sendo então, presidente do estado de Minas Gerais, Sr. Julio Bueno Brandão e o Secretário do Interior, Delfim Moreira da Costa Ribeiro.

Em 1910, iniciaram-se os esforços para arrecadação de dinheiro junto à sociedade araxense em prol da construção do grupo escolar, organizado por uma comissão de senhoras, tendo à frente Maria de Magalhães. O Secretário do Interior e responsável pelo ensino em Minas Gerais, Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, conseguiu a construção do prédio escolar, que recebeu o nome daquele que se empenhou pela sua edificação.

Assim, no espaço do Largo d'Abadia, a crença no poder redentor da educação consolidou-se na criação da primeira escola pública da cidade, sendo inaugurado, em 1911, o Grupo Escolar Delfim Moreira.

A edificação da escola



Fachada do Grupo Escolar Delfim Moreira, entre 1920 e 1930.
Fotografia: Manoel Alves Feijó. Arquivo SAPP/FCCB-00169.

indicava uma espécie de ruptura com o passado, que a República pretendia promover. Inaugurou-se, em 28 de setembro de 1911, o Grupo Escolar Delfim Moreira, pelo decreto nº 3.163, de 19 de abril de 1911, e teve como primeira diretora, Maria de Magalhães, que permaneceu na direção de 1911 a 1943.

O grupo escolar tornou-

se um espaço de distinção dentro da cidade, cabendo-lhe o "melhor prédio", com instalações modernas, arquitetura que expressasse a modernidade e a forma higiênica exigidas pela República; portanto, prédios elegantes, amplos e arejados. A representação da construção do projeto urbano idealizado pela elite republicana transparece no

depoimento de um ex-aluno do grupo pesquisado, o Sr. Raul Alves de Almeida, para quem "As salas de aula eram boas. O Grupo era alto, sala arejada. Construção muito boa".

Ainda em relação ao prédio construído para abrigar o grupo escolar, a Professora Maria de Magalhães, na qualidade de diretora, realizou, em 28 de abril de 1921, o seguinte inventário sobre a escola (...) as oito classes desde a instalação do Grupo (...), têm sido regidas por professoras. O prédio consta de 10 espaçosas salas e uma menor, 3 corredores, um grande alpendre, 2 grandes pátios para recreio com os respectivos jardins (MAGALHÃES, 1921).

Sobre a importância do lugar e da construção do prédio escolar, pode-se dizer que estes se constituíam em verdadeiros "templos de civilização". Estes



Grupo Escolar Delfim Moreira, data provável em 28 de setembro de 1911, na Praça D' Abadia. Acervo da Escola Estadual Delfim Moreira.

prédios impregnavam a cultura socialmente aceita e representavam as mudanças de valores, de relações sociais e de relações econômicas pretendidas pelo novo regime. Assim, ficavam em lugar central na cidade, a fim de se dar visibilidade ao pro-

jeto educacional republicano.

Em depoimento do Sr. Antônio Alvarenga de Resende, pode-se perceber a concepção da escola como um instrumento de inserção no contexto social e de ascensão neste mesmo universo.



Fachada do Grupo Escolar Delfim Moreira (Escola Estadual Delfim Moreira). Janeiro de 2004. Fotografia e acervo: Maria de Lourdes Ribeiro Gaspar.

A estruturação espacial da escola como espaço específico para a educação foi ressaltada nos depoimentos de ex-alunos. Era necessidade premente, afastar as crianças das más companhias e influências nocivas encontradas nas ruas. Até mesmo a criança pobre deveria frequentar a escola para evitar, nas futuras gerações, a influência dos maus hábitos da família "sem cultura".

Em 1928, no governo de

Dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, foi construído o novo prédio, na atual Av. Getúlio Vargas, durante a reforma realizada por Francisco Campos.

O Grupo Escolar Delfim Moreira cumpriu o seu papel modernizador no que se referiu à instauração e à consolidação de comportamentos e de novas atitudes e crença na "ordem e no progresso" como alavancas dessa modernização.

“O objetivo que a gente tem quando entra para a escola é ir até o fim e receber o diploma. Alterava a vida da pessoa porque muitas repartições poderiam exigir aquele diploma para empregar aquela pessoa... então, isso fazia falta para a pessoa... e também para ingressar na escola secundária e superior teria que ter o diploma do curso primário. Quase todas as professoras vieram de fora naquela época. D. Ana Carolina de Almeida, que foi a minha professora de 4º ano, era lá dos lados de Belo Horizonte. ”

Antônio Alvarenga de Resende

Por fim, é importante ressaltar que as conquistas e os caminhos desbravados pela República ficaram inscritos na construção e na reconstrução da história registrada e perpetuada no prédio de linhas retas e austeras do Grupo Escolar Delfim Moreira, cujas salas receberam alunos, revelaram possibilidades de conhecimentos vários, e cujas paredes se ergueram no âmago do povo de Araxá.

Galeria das Diretoras: 1911 a 2011



Maria de Magalhães (D. Iaiá)
1911 a 1943

Primeira filha do casal Antônio Chaves de Magalhães e Maria José de Castro, nasceu em Oliveira/MG. Teve 10 irmãos: Cândida, Olga, Alice, Maria José, Rosa, Antônio, Dr. Mário, Dr. Lauro, Sílvia e Laura.

No final de 1903, a convite do Cel. Adolpho Ferreira de Aguiar, Capitão Chaves, esposa e filhos mudaram-se para Ara-

xá. Logo em seguida, Maria de Magalhães, D. Iaiá, fundou, para o sexo feminino, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, localizado na praça Cel. Adolpho. Nele exerceu o cargo de diretora e suas irmãs atuaram como professoras.

Diante da necessidade de se criar uma escola pública, a Câmara Municipal cedeu o ter-

reno, e com os esforços da família Chaves de Magalhães e da comunidade, foi construído o prédio para nele funcionar o Grupo Escolar Delfim Moreira (atual Colégio São Domingos).

Maria de Magalhães foi nomeada, pelo Governo do Estado, sua primeira diretora e nele permaneceu até 1943.



Araci Pedrelina de Lima
1944 a 1948

Nasceu na cidade de Serro/MG no dia 19 de maio de 1908. Era filha de João Alves de Lima e Inês Generoso de Lima, fazendeiros da Zona da Mata.

Fez seus estudos na Escola Normal São Joaquim (Conceição do Mato Dentro/MG), onde recebeu o diploma de normalista.

Aos 17 anos, casou-se com o empresário Modesto Justino de Oliveira e tiveram cinco filhos: José Aparecido, Genesco, Maria Aparecida, Alda e Modesto Justino Júnior.

Nomeada professora primária, exerceu seu primeiro cargo no magistério público na

cidade de São Sebastião do Rio Preto, então distrito de Conceição do Mato Dentro.

Em 1930, matriculou-se como professora-aluna na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais que funcionava junto ao Instituto de Educação e que visava à formação de dirigentes de ensino. Formou-se em 1932 e foi convidada para dirigir o Grupo Escolar Daniel de Carvalho em Conceição do Mato Dentro. Posteriormente, exerceu a mesma função em escolas estaduais de Passabem e São João Evangelista.

A convite do Secretário de Educação, Dr. Christiano

Machado, aceitou o cargo de diretora do Grupo Escolar Delfim Moreira, levando em consideração a viuvez aos 31 anos e o peso que lhe era colocado sobre os ombros: a educação e o bem estar de cinco filhos.

Araci deixou marcas indeléveis no cenário educacional e no assistencial araxaenses.

Em 1948, deixou Araxá para trabalhar em um projeto de educação rural implantado na Escola Rural e Florestal de Conselheiro Pena/MG.

Aposentou-se como diretora do Grupo Escolar Daniel de Carvalho em Conceição do Mato Dentro/MG.



Luiza de Oliveira Faria
1948 a 1950

Nasceu na cidade de Patrocínio/MG no dia 10 de outubro de 1889. Era filha de Francisca Olímpia Marra e de Augusto Elyσιο de Faria Leite, professor, farmacêutico e capitão cirurgião do 234º Batalhão de Infantaria da Comarca de Patrocínio. Teve 5 irmãos: Otoniel, Deosdado, Zoroastro, Leticia e Judith.

Luiza herdou do pai, além da vocação para o magistério, uma base sólida de instrução, latim, português, francês e outras matérias.

Ela e sua família moraram em Araxá de 1904 a 1906, quando foram para Carmo do Paranaíba, onde se casou com Ozílio Ozório de Oliveira. Do casamento nasceu a filha Geraldina.

Luiza iniciou sua carreira de professora em 1910 em São Gotardo, onde auxiliou seu pai, lecionando simultaneamente em escola particular e pública. Nesta última foi nomeada professora interina.

Em 1911, foi transferida para Araxá e efetivada. Nesse mesmo ano, em 28 de setembro, o Grupo Escolar Delfim Moreira foi inaugurado e Luiza foi professora da primeira turma de 1ª a 4ª séries.

Em 1921, viúva, casou-se com Joaquim Cardoso de Menezes, também viúvo e tiveram sete filhos: Reynaldo, Nelly, Pedro, Helvécio, Paulo Augusto, Carlos e Walter.

Em 1924, afastou-se do magistério e ao retornar, em 1928, não foi atendida no seu pedido de

nova efetivação devido a uma recente lei que exigia o diploma de normalista.

Nos anos 29 e 30, Luiza e os filhos se mudaram para Uberaba com a finalidade de ela frequentar o Curso de Aplicação da Escola Normal Modelo.

Terminado o curso, voltou para Araxá e, no Grupo Escolar Delfim Moreira, conseguiu sua efetivação como professora.

Até aposentar-se em 1950, Luiza ocupou os cargos de secretária, bibliotecária, auxiliar efetiva de diretora e diretora.

Em reconhecimento ao trabalho que exerceu na comunidade, Luiza teve seu nome eternizado em uma escola estadual.



Alice de Moura Neves
Diretora Substituta

Nasceu em Oliveira/MG no dia 25 de junho de 1893. Seus pais: José Antônio Coelho de Moura e Beralda Policena da Conceição.

Formou-se normalista na Escola Normal de Oliveira, graças à bolsa de estudos.

Iniciou sua carreira como professora em São João Batista, distrito de Oliveira, onde se casou com Alfredo Figueiredo Zuquim Neves.

Em 1912, acompanhada do marido, chegou a Araxá, convidada pela família de Maria de Magalhães, D. Iaiá, para integrar a primeira equipe docente do Grupo Escolar Delfim Moreira.

Trabalhou no "Delfim Moreira" por trinta anos e ocupava o cargo de diretora, sempre que necessário. Além da vocação para o magistério, mostrou, através dos exímios trabalhos manu-

ais de costura, crochê e bordado, o seu expressivo talento.

Viveu na casa construída pelo marido, localizada na praça São Domingos, no fundo da Igreja Matriz, onde criou os dez filhos: Nilza, Newton, Niobe, Nélio, Nivaldo, Maria Alice, José Antônio, Nícia, Maria Nelly e José Maria.

Morreu em trágico acidente automobilístico.



Rita dos Santos Penello
Diretora Substituta

Nasceu em Araxá/MG no dia 10 de julho de 1899. Filha de Nominato do Santos e de Leopoldina Resende.

Iniciou seus estudos em uma escola particular, tendo cursado o primário em companhia de apenas seis colegas.

Ao terminar o primário, seu pai e maior incentivador, levou-a para Oliveira/MG para continuar os estudos. A viagem foi feita a cavalo e de trem de ferro e durou cerca de três dias.

Rita concluiu o Curso Normal em 1916 e foi uma das

primeiras normalistas formada de Araxá.

Ao retornar à sua cidade natal, foi nomeada pelo governo estadual, professora do Grupo Escolar Delfim Moreira em 24 de maio de 1917.

Em 10 de dezembro de 1918, casou-se com João Penello com quem teve três filhos, netos, bisnetos e trinnetos.

De 1934 a 1935, fez o curso de Aperfeiçoamento em Belo Horizonte/MG. Após o seu término do curso, foi removida para o distrito de Nossa Senhora

da Conceição, hoje, Perdizes/MG e em 23 de março de 1939 tornou-se a primeira Diretora da 2ª Escola Urbana de Perdizes.

Em 07/08/1940, foi transferida para a cidade de Conquista/MG onde ocupou o cargo de Diretora Padrão do Grupo Escolar Prado Lopes e aí permaneceu até aposentar-se com mais de 30 anos de efetivo exercício.

Rita faleceu em 30/04/2000 aos 100 anos, na cidade de Campo Grande/MS, onde residia com uma de suas filhas.



Agar de Affonseca e Silva
1950 a 1983

Nasceu em Araxá/MG no dia 06 de maio de 1913. Filha de Sebastião de Affonseca e Silva e Prozolina Porfírio de Affonseca e Silva. Teve 12 irmãos: Sebastião, José Gaspar, Celidônio, César, Saul, Maria, Clélio, Filotéia, Filotéia, Jêsus, Sebastião e Terezinha.

Agar iniciou seus estudos no Grupo Escolar Delfim Moreira em 1920 e terminou o curso primário em 1923.

De 1924 a 1929, estudou com professores particulares e no Colégio Santa Filomena. Em 1930, mudou-se para Uberaba a fim de se preparar para o concurso que lhe daria direito de ingressar na Escola Normal do Estado. Aprovada, cursou até outubro de 1931, quando,

por motivo de doença foi forçada a perder o ano.

No ano de 1932, foi transferida para a Escola Normal de Belo Horizonte e em 1933 recebeu o diploma de normalista do 2º grau. No ano seguinte, iniciou a sua tão sonhada carreira de professora no Grupo Escolar Delfim Moreira, numa classe de 1ª série, como substituta.

No início de 1935, foi nomeada professora para lecionar no Grupo Escolar de Ibiá/MG, onde permaneceu durante um ano. No final deste mesmo ano, teve a grata surpresa de ser transferida para o Grupo Escolar Delfim Moreira de Araxá. Veio como regente de classe e se manteve no cargo por 13 anos.

Agar resolveu estudar mais, atualizar-se e para isto prestou o Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação em Belo Horizonte/MG. Aprovada, ali ficou por dois anos.

Regressou a Araxá, habilitada para dirigir uma escola do Estado. O Grupo "Delfim Moreira" se encontrava sem diretora nomeada. O cargo vinha sendo preenchido por substitutas provisórias. O "Minas Gerais", órgão oficial do Estado, publicou a sua nomeação definitiva para ocupar a vaga então existente em 23 de fevereiro de 1950. No dia 1º de março de 1950, foi empossada no cargo de Diretora onde permaneceu por 34 anos até se aposentar.



Lucília Cardoso Porfírio
1983 a 1992

Nasceu em Araxá/MG no dia 20 de fevereiro de 1938. Filha de Clóvis Cardoso Júnior e Lygia Valle Cardoso.

Seus primeiros estudos foram no Grupo Escolar Delfim Moreira. No Colégio São Domingos formou-se normalista.

Casou-se com o advogado Edson Porfírio Ferreira e tiveram quatro filhos: Caio Vinicius, Marco Túlio, Adriano Augusto e Lucília Mara.

Iniciou sua carreira de Magistério na Escola Técnica de Comércio de Araxá, onde lecionou Português e Matemática nos Cursos de Admissão e Básico.

Lecionou, também, no Colégio São Domingos.

Em 26 de setembro de 1958, foi nomeada regente de classe no Grupo Escolar Lia Salgado e aí permaneceu até 30 de março de 1961, quando foi transferida, mantendo-se no mesmo cargo, para o Grupo Escolar Delfim, onde ficou até 1971.

Foi vice-diretora no período de 1971 a 1983. Durante este intervalo formou-se em Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá. Em 1984, em Batatais, fez o Curso de Inspeção Escolar.

De 1º de maio a 30 de novembro de 1983, foi nomeada

diretora, substituindo Dona Agar de Affonseca e Silva, em gozo de férias-prêmio.

A partir de março de 1984 foi designada Diretora.

Em 1990, a escola passou por uma reforma substancial: troca de telhado, de piso dos corredores, dos pátios, salas de aula do andar térreo e das instalações sanitárias; ampliação da cozinha e do Clube Agrícola; construção de uma despensa e sala de material didático; pintura do prédio; colocação de toldos e cortinas.

Lucília permaneceu no cargo até se aposentar em 28 de janeiro de 1992.



Margarida de Ávila Barbosa
1992 a 1999

Filha de Carlos de Ávila Júnior e Maria do Rosário Ávila, nasceu em Araxá, no dia 05 de outubro de 1946. Tem 07 irmãos: Carlos Armando, Fausto, Maria Tereza, Maria Isabel, Maria Antonieta, Maria Amélia e Eduardo. É casada com Romeu Ferreira da Silveira, mineiro de Belo Horizonte.

Cursou o primário no Grupo Escolar Delfim Moreira, o ginásial e o normal no Colégio São Domingos. Na FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá – formou-se em Estudos Sociais.

Iniciou sua carreira no

magistério em 1966 no “Delfim Moreira” e atuou até 1976.

Mudou-se para Belo Horizonte onde cursou Administração de Empresas na FUMEC. Retornou a Araxá e em 1986, após concurso, voltou a atuar na Educação e, novamente na Escola Estadual Delfim Moreira. Cursou Pedagogia na FAFI, atendendo à sua vocação e à aplicação profissional.

Em 1992, candidatou-se e foi eleita diretora do “Delfim Moreira”, atuando nessa função até 1999, quando se aposentou.

Durante este período, promoveu uma intensa reade-

quação do espaço físico. Foram construídas novas salas de aula, de reunião e de supervisão.

Conseguiu com o ex-prefeito, Ministro Olavo Drummond, os recursos necessários para a edificação do primeiro ginásio de esportes de escola pública, que recebeu o nome de “Ginásio Poliesportivo Ministro Olavo Drummond”.

Foi sua preocupação também reformar, adquirir móveis, computadores, software e livros para modernização e dinamização da Biblioteca “Asas do Saber”.



**Serise Maria Santos
2000 a 2011**

Nasceu em Araxá/MG no dia 09 de março de 1956. Filha de José Moreira dos Santos e Madalena Nolli dos Santos. Tem 04 irmãos: Lívia Mara, Sílvia Maria, Flávio e Túlio.

Foi casada em primeiras núpcias com Helvécio Carlos Teixeira e tiveram 03 filhos: Daniel Carlos, Tatiane e Kamila e em segundas núpcias com Virmondos Afonso Ribeiro Jr. Tem 08 netos.

Serise iniciou seus estudos no Grupo Escolar Delfim Moreira em 1963 e terminou o curso primário em 1966.

Em 1967, fez o curso de admissão no Lar Santa Terezinha. De 1968 a 1974 estudou no Colégio Jesus Cristo onde cursou ginásial e o colegial-normal.

No início de 1975, começou a sua carreira no magistério lecionando na zona rural, onde permaneceu durante um ano. Mais tarde deu aulas na Escola Estadual Santo Antônio, hoje Escola Estadual Padre Anacleto Girardi e na Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon.

Começou a trabalhar na Escola Estadual Delfim Moreira em 1979 e se afastou no mesmo ano, pois se mudou para Redenção/PA.

Retornou para o "Delfim Moreira", em 1986, como professora designada.

Prestou concurso e foi nomeada em 1990 para lecionar na Escola Estadual Rotary. Neste mesmo ano foi transferida para o "Delfim Moreira".

Em 1991, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, fez o curso de Pedagogia. Em Batatais/SP, fez pós-graduação em Ensino-Aprendizagem e Supervisão e Inspeção Escolar pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá/RJ.

Atuou como professora regente, professora de educação física autorizada, eventual e professora no uso da biblioteca.

Em 1999, participou de um processo democrático para indicação do cargo de diretora, sendo empossada em janeiro de 2000. Permaneceu no cargo até 2011, ano do centenário da Escola, quando foram realizadas várias atividades alusivas à data.

Retrospectiva histórica dos 100 anos

1º Hino do Grupo Escolar Delfim Moreira

COMO UM BANDO IRREQUIETO, DE ABELHINHAS DOURADAS,
UM PUGILO DE MESTRAS, E A DIRETORA.
FEZ-SE A COLMÉIA DO GRUPO ESCOLAR DELFIM MOREIRA,
NA CIDADE DO SOL, NA CIDADE IDEAL, ENCANTADORA.

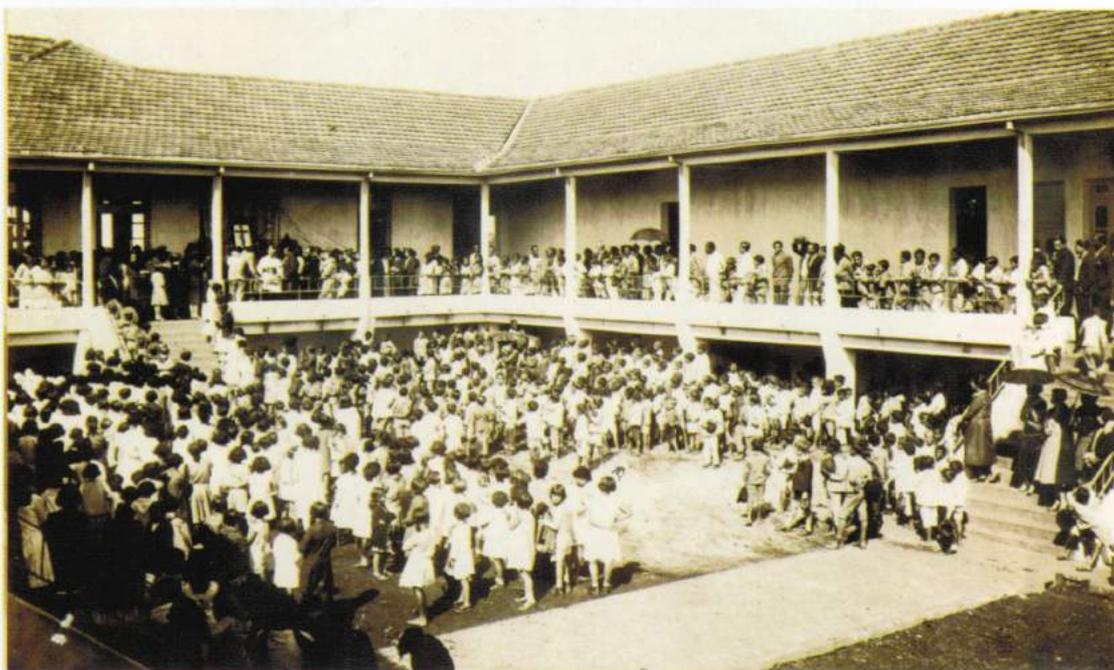
PAZ E AMOR, VIDA E TRABALHO, EM TODO EXPLENDOR,
NESTA ESCOLA FELIZ, QUE SE QUER COM FERVOR,
OH VIVEIRO DE LUZ E DE LABOR.
NESTE GRUPO ESCOLAR, QUE CONDUZ PELA MÃO,
O FUTURO DA PÁTRIA A SORRIR E A CANTAR.
ÉS O ENCANTO DA VIDA, OH DITOSA MANSÃO,
DOS QUE AMAM O DEVER, DOS QUE BUSCAM O SABER.

COM AS BÊNÇÃOS DO SENHOR, SOB O OLHAR DA IMACULADA,
REINE A PAZ, TRABALHO E AMOR, NESTA ESCOLA SEMPRE AMADA.
E QUE O FUTURO ELABORADO DESTE LAR,
INSPIRADO NESTE LAR,
INSPIRADO NO DEVER FORTE E VIRIL,
SEJA A GLÓRIA DE ARAXÁ E A GRANDEZA DO BRASIL.

Letra e Música:
Professora Maria
Cândida de Almeida
(Mariazinha)



Alunos da professora
Rosa de Magalhães.
07/01/1913.
Acervo: Escola Estadual
Delfim Moreira.



Inauguração do novo prédio. Fevereiro/1931. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Alunas do Grupo Escolar Delfim Moreira durante aula de ginástica. Década de 1930. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.

Alumno Raul Alves de Almeida
 Mez de Abril de 1929

	1a. No- mada	2a. No- mada	3a. No- mada	4a. No- mada	Media Mesa.	Observações
Aproveitamento	10	10	9	9	10	
Precedimento	10	10	10	10	10	
Pontualidade	10	10	9	9	10	
Atenção . . .	10	10	10	10	10	
Higiene . . .	10	10	10	10	10	
Felidez	10	10	10	10	10	
Comparecimentos	5	5	4	5	19	
Faltas	0	0	1	1	2	

ASSIGNATURA DO PAE OU TUTOR

1ª Semana, Maria de Almeida Castro
 2ª Semana, Maria de Almeida Castro
 3ª Semana, Maria de Almeida Castro
 4ª Semana, Maria de Almeida Castro
 Professora Luzia Valle Teixeira

Deveres sociais do Alumno

- 1—O bom alumno ama e respeita a seu pae e a sua mãe.
- 2—Gatima e obedece a seu professor e a seus superiores.
- 3—É amigo de seus irmãos e trata bem aos collegas.
- 4—Comparece pontualmente ás aulas.
- 5—Faz do melhor modo possível o seu trabalho diario.
- 6—É sempre attencioso, cortez e applicado.
- 7—Sabe dizer a verdade e cultivar a energia.
- 8—Considera uma grande felicidade poder estudar.
- 9—Venera a Bandeira Nacional e cultiva o amor da Patria.
- 10—Honra e adora o nome de Deus, obedecendo ás suas leis, conforme nos ensinou Jesus Christo.

N. B.—Peço a V. Excia. que não assigne apenas semanalmente esta caderneta, mas que auxilie tambem o meu caro alumno com os seus elogios quando os merecer, para que prosiga sempre no bom caminho

Caderneta escolar de Raul Alves de Almeida, aluno de 1928 a 1931. Acervo particular.

Professoras e alunas do Grupo Escolar Delfim Moreira. Da esquerda para a direita: Jupira Maciel, Célia Chaer, Ilka Batista de Matos, Gracinda Grijó, Maria Santos, não identificada, não identificada, Carmosina Guimarães, não identificada, Maria Pacheco de Araújo, Maria Cunha, Maria Fernanda, Maria de Souza, Olga Silva Aguiar, Catarina Pereira, Dalva Santos, Firmiana Cruz, Valdete Santos, não identificada, Lourdes Santos, Elza de Oliveira, Maria Pereira Valle, Nilza de Moura Neves, Luzia Vale Teixeira, Lourdes Zema, Graciete Montandon Afonso, Dolorita Santos Castro, Agar de Affonseca e Silva, Maria do Rosário Santos, Maria de Magalhães, Alice de Moura Neves e Luiza de Oliveira Faria. 28/09/1941. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.





Alunos da professora Maria Célia Montandon. Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Clube Agrícola "Alice Moura". Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Hora de Biblioteca. Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Alunos da professora Lygia Valle. Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



A sopa escolar: alunos do 1º Turno. Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



A sopa escolar: alunos do 2º Turno. Junho/1949. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Fachada do Grupo Escolar Delfim Moreira. Década de 1950. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



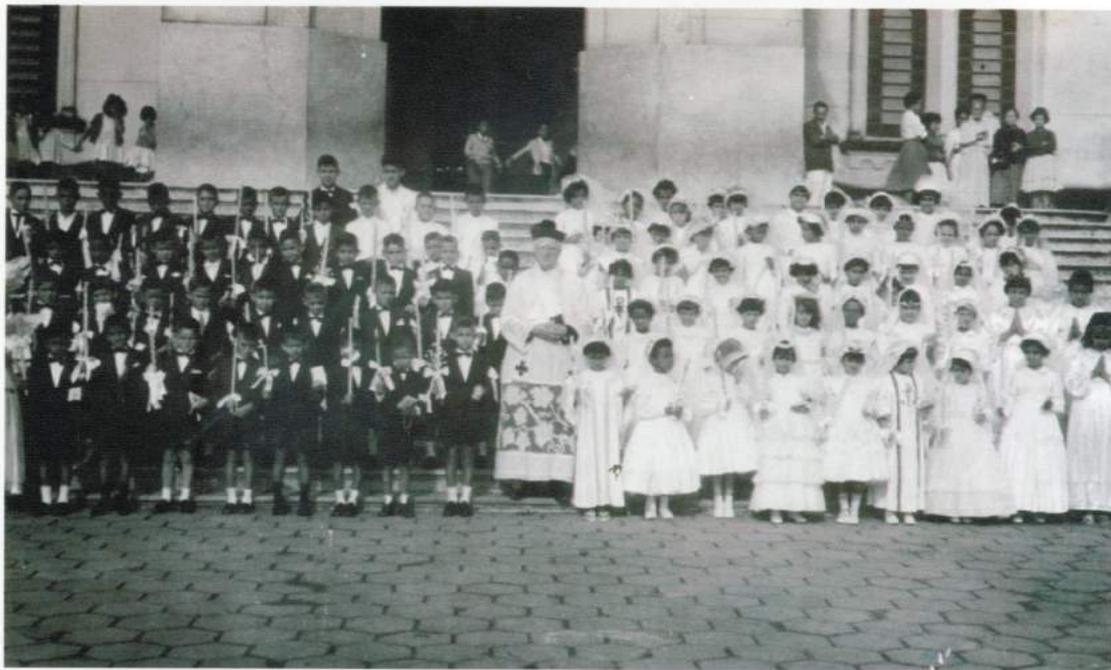
Alunos e alunas da professora Wanda Moura. 1958. Arquivo SAPP/FCCB. (Álbum)



*Comemoração do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Delfim Moreira. 28/09/1961.
Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.*



*Saída da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora do Grupo Escolar Delfim Moreira.
Maio/1961. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.*



*Primeira Eucaristia dos alunos do Grupo Escolar Delfim Moreira. Maio/1961.
Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.*



*Comemoração do Jubileu de Ouro do Grupo Escolar Delfim Moreira. 28/09/1961.
Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.*



O Juiz de Direito, Dr. Walter Machado, entrega aos alunos os diplomas de conclusão do curso primário. Dezembro de 1965. Acervo particular.



Comemoração dos 60 anos do Grupo Escolar Delfim Moreira. 28/09/1971. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.

A reforma do nosso grupo

Dia primeiro de março de 1962 Dr José de Magalhães Pinto, mandou reformar o nosso grupo. Então passamos a estudar na Escola de Comercio e lá ficamos cinco meses. Não gostamos de lá porque o horário era muito ruim, tínhamos que ir às 10,30 hs. Mas em setembro, quando voltamos para o grupo foi surpresa para nós, estava todo reformado e tão bonito! Tinha aumentado mais uma sala. Retocou ele todo, mudaram os quadros negros de cada sala pondo um outro maior e de cor verde, fizeram um galpão. Na frente do grupo fizeram um jardim muito bonito e fizeram também uma casa para o empregado. Puseram tábuas pequenas nas paredes para pregar os cartazes. Dia 28 de setembro o Dr José de Magalhães Pinto veio para inauguração. Chegou às 10,30 horas. Fizemos festa e auditorio para ele. Nosso grupo já tinha 50 anos e foi a primeira vez que retocou-o.

Isto devemos ao nosso governador Dr José de Magalhães a ele o nosso muito obrigado e vire o Grupo Escolar Delfim Moreira.
Leandro Alberto Goulart.

"A reforma do nosso grupo".
"Os nossos trabalhos em álbum",
da professora Wanda Moura.
1962. Arquivo SAPP/FCCB.



Comemoração dos 70 anos da Escola Estadual Delfim Moreira. 28/09/1981. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.

2º Hino do Grupo Escolar Delfim Moreira

DELFIN MOREIRA,
ESCOLA QUERIDA,
COM SUAS MESTRAS
PRATICANDO O BEM,
NOSSOS RECREIOS
E BRINCADEIRAS
NOS FAZEM AMIGOS
E IRMÃOS TAMBÉM.

NOSSA ESCOLA
GRANDE ORGULHO
DA CIDADE E DE SEUS CIDADÃOS
QUE LHE AGRADECEM,
TAL TRABALHO
TAL EMPENHO
PLANTAR HOJE
DE AMANHÃ O BEM.

DELFIN MOREIRA
SEGUNDO LAR
SUA HISTÓRIA
IMPORTÂNCIA TEM,
O SEU PORTEIRO,
A DIRETORIA,
SERVENTES SÃO
OS NOSSOS PAIS TAMBÉM.

NOSSA ESCOLA
GRANDE ORGULHO
DA CIDADE DE SEUS CIDADÃOS
QUE LHE AGRADECEM;
TAL TRABALHO,
TAL EMPENHO
PLANTAR HOJE DE AMANHÃ O BEM.

DELFIN MOREIRA
LOCAL DE AMOR.
HÁ MUITAS DÉCADAS
LUTANDO VEM.
TODAS AS CRIANÇAS,
QUE AQUI PASSARAM
ROGAM A DEUS
QUE LHES ABENÇÔE, AMÉM!

NOSSA ESCOLA
GRANDE ORGULHO
DA CIDADE E DE SEUS CIDADÃOS
QUE LHE AGRADECEM;
TAL TRABALHO,
TAL EMPENHO
PLANTAR HOJE DE AMANHÃ O BEM!

Letra e Música: Maria Leonor Teixeira Lemos (Malô). 1986.

BOLETIM ESCOLAR

Escola Estadual «Delfim Moreira

1º GRAU - 020B

AAAXA' - M.G.

- 1980 -

Aluno(a): *Frederico Rodrigues de Siqueira* Série: *3º*
 Professora: *Maria Conceição Alves*

MÊS	VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO	Avaliação										Assinatura do Pai ou Responsável	
		1º Exame	2º Exame	3º Exame	4º Exame	5º Exame	6º Exame	7º Exame	8º Exame	9º Exame	10º Exame		
1.º	Aprovação	27	28	20	20	17	9						<i>Rodrigues</i>
	Carga Horária	243	30										
	Faltas (horas)												
2.º	Aprovação	24	6	25	20	28	9						<i>Rodrigues</i>
	Carga Horária	243	30										
	Faltas (horas)												
3.º	Aprovação	27	6	23	25	27	6						<i>Rodrigues</i>
	Carga Horária	243	30										
	Faltas (horas)												
4.º	Aprovação	28	6	27	28	25	9						
	Carga Horária	243	30										
	Faltas (horas)												
Total Geral	Aprovação	25	6	21	21	24	9						955
	Carga Horária	243	30										
	Faltas (horas)												
Recuperação Final	Aprovação												
	Carga Horária												
	Faltas (horas)												

A nota das provas finais, do aluno foi ... *procurado* *9º* *de* *...*
 Assinatura da Professora: *Maria Conceição Alves*

Boletim escolar de Frederico Rodrigues de Siqueira, aluno de 1978 a 1981. Acervo particular.



Comemoração dos 75 anos da Escola Estadual Delfim Moreira. Setembro/1986.
 Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.

Hino do Centenário Escola Estadual Delfim Moreira

DELFIN MOREIRA, CEM ANOS DE GLÓRIA,
MARCANDO SUA HISTÓRIA.
UM CENTENÁRIO DE DEDICAÇÃO,
GRAVADOS NO CORAÇÃO.

ESCOLA DE NOME RECONHECIDO: TRABALHO, COMPROMISSO, IDEAIS
SUCESSO DOS EX-ALUNOS, DESTAQUE DOS ALUNOS ATUAIS
FAZ PARTE DA HISTÓRIA, DESTA CIDADE
E, EM MUITOS, DEIXOU SAUDADE!
MESTRES E ALUNOS SEMPRE JUNTOS,
CONSTRUINDO, PASSO A PASSO, A EDUCAÇÃO.
COM OS FUNCIONÁRIOS, COM AS FAMÍLIAS,
E O APOIO DA DIREÇÃO.
PRIMEIRA ESCOLA DE ARAXÁ,
PRA SEMPRE, DESTAQUE SERÁ.

DELFIN MOREIRA, CEM ANOS DE GLÓRIA,
MARCANDO SUA HISTÓRIA.
UM CENTENÁRIO DE DEDICAÇÃO,
GRAVADOS NO CORAÇÃO.

O PRÉDIO CONSERVADO HÁ TANTOS ANOS, ESTRUTURA DE BELEZA SEM IGUAL
ESCADAS, PÁTIO E SALAS, SER FELIZ AQUI DENTRO É NATURAL.
CLARÃO PARA O ENSINO, FACHO DE LUZ,
QUE AO CRESCIMENTO CONDUZ.
TODOS QUE POR AQUI PASSARAM
JUNTOS, TECERAM SUA HISTÓRIA,
ALUNOS, FAMÍLIAS E FUNCIONÁRIOS,
JORNADA DE AMOR E GLÓRIA.
E, COM ORGULHO DEIXAM ESCRITOS,
PARA SEMPRE, SEUS NOMES, NO ARQUIVO.

Letra: Elaine Almeida. Música: Paulinho Torres. 2011.



VOZ ESCOLAR DEL FIM MOREIRA

Edição Especial de Aniversário - Setembro 2011

100 ANOS EDUCANDO PARA A VIDA E PARA DEUS



Em rua de terra batida, luz de lampião, no dia 28 de setembro de 1911 foi fundado o Grupo Escolar Delfim Moreira. São 100 Anos em busca de uma educação de excelência. Araxá era uma cidade pequena, sem luz elétrica, sem água encanada, uma cidade que, embora conhecida na história do Triângulo Mineiro, vivia em busca de um farol que iluminasse as inteligências que despontavam entre seus filhos. Vinda de Oliveira, onde a instrução já tinha um nível muito elevado, a família MAGALHÃES CHAVES fixou residência aqui e um de seus membros foi nomeado para tomar conta dos destinos de Araxá. O presidente da câmara, por intermédio do Secretário de Interior, que supervisionava o ensino em Minas, Dr. DELFIM MOREIRA DA COSTA RIBEIRO, conseguiu a construção do prédio escolar, onde funciona atualmente o Colégio São Domingos. Em virtude disso o estabelecimento recebeu o nome de "DEL FIM MOREIRA". Depois do prédio pronto o Grupo Escolar foi criado pelo Decreto 3.163 de 19/04/1911, assinado pelo Governador Dr. Julio Bueno Brandão, publicado no MG de 21/04/1911 e entregue à dinâmica Sra. MARIA DE MAGALHÃES (a Dona Yayá) para organizar os trabalhos de matrículas. Contam os historiadores que ela e duas irmãs visitaram todas as casas da cidade, esclarecendo aos pais a necessidade da instrução e assim conseguiu as matrículas. Trouxe professoras de fora da cidade e no dia 28 de setembro de 1911 deu-se a instalação oficial, que foi comemorada com uma missa na Matriz de São Domingos. Iniciava-se a vida intelectual na cidade; a porta da instrução abria-se para todos. O primeiro aluno a se matricular foi Alair Porfírio de Azevedo, que mais tarde se tornou sacerdote e vigário em Uberaba e tem hoje em Patos de Minas uma escola com seu nome. A primeira turma a receber o certificado de conclusão do primário foi em 1912.

Bacão
SUPERMERCADO

3662-3647

- ◆ As páginas 03, 04 e 05 trazem excelentes entrevistas feitas por alunos, depoimentos e poemas de ex e atuais funcionárias, professoras e alunas.
- ◆ Na página 05 temos a palavra da diretora e da vice-diretora
- ◆ Para quem gosta de poemas e bons textos dê uma conferida nas páginas 06 e 07
- ◆ A diversão é na página 08

**Boletim
Comemorativo
dos 100 anos.
Setembro/2011.
Acervo: Escola
Estadual Delfim
Moreira.**



Selos lançados pelos Correios em comemoração aos 100 anos da Escola Estadual Delfim Moreira. O da direita foi criado por Fernando Chadu, ex-aluno e pai de ex-aluno. Setembro/2011. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Réplica de uma antiga sala de aula. Setembro/2011. Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.



Participação da Escola Estadual Delfim Moreira no Desfile de 7 de setembro com o tema "Centenário do Delfim Moreira". Acervo: Escola Estadual Delfim Moreira.

A evolução dos uniformes representada



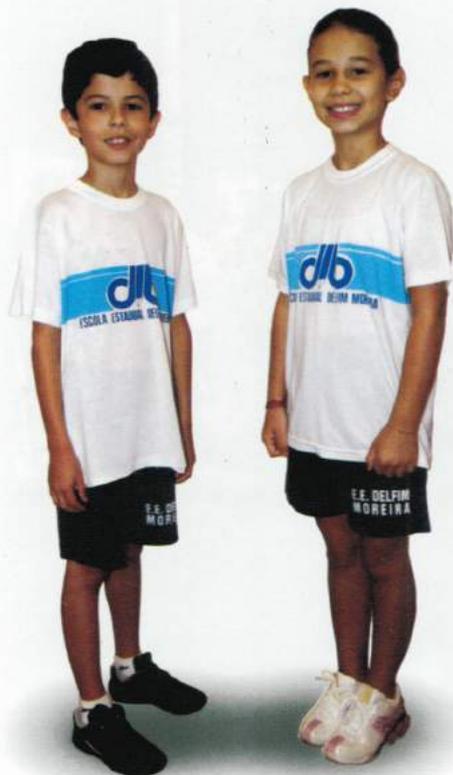
*Henrique
Silva Borges*

*Ana Laura
de Oliveira*



*Igor Santos
Ferreira*

*Laura
Gonçalves*



*Arthur Machado
de Souza*

*Márcia Beatriz de
Oliveira Campos
Pontes*



*João Carlos de
Paulo Graciano*

*Camila Vitória
Rosa Fonseca*

pelos alunos da escola em 2012



*Breno Leonardo
dos Santos Ribeiro*

*Giovana
Clara Gomes*



*Gabriel Augusto de
Oliveira Silva*

*Débora Maria
de Abreu*

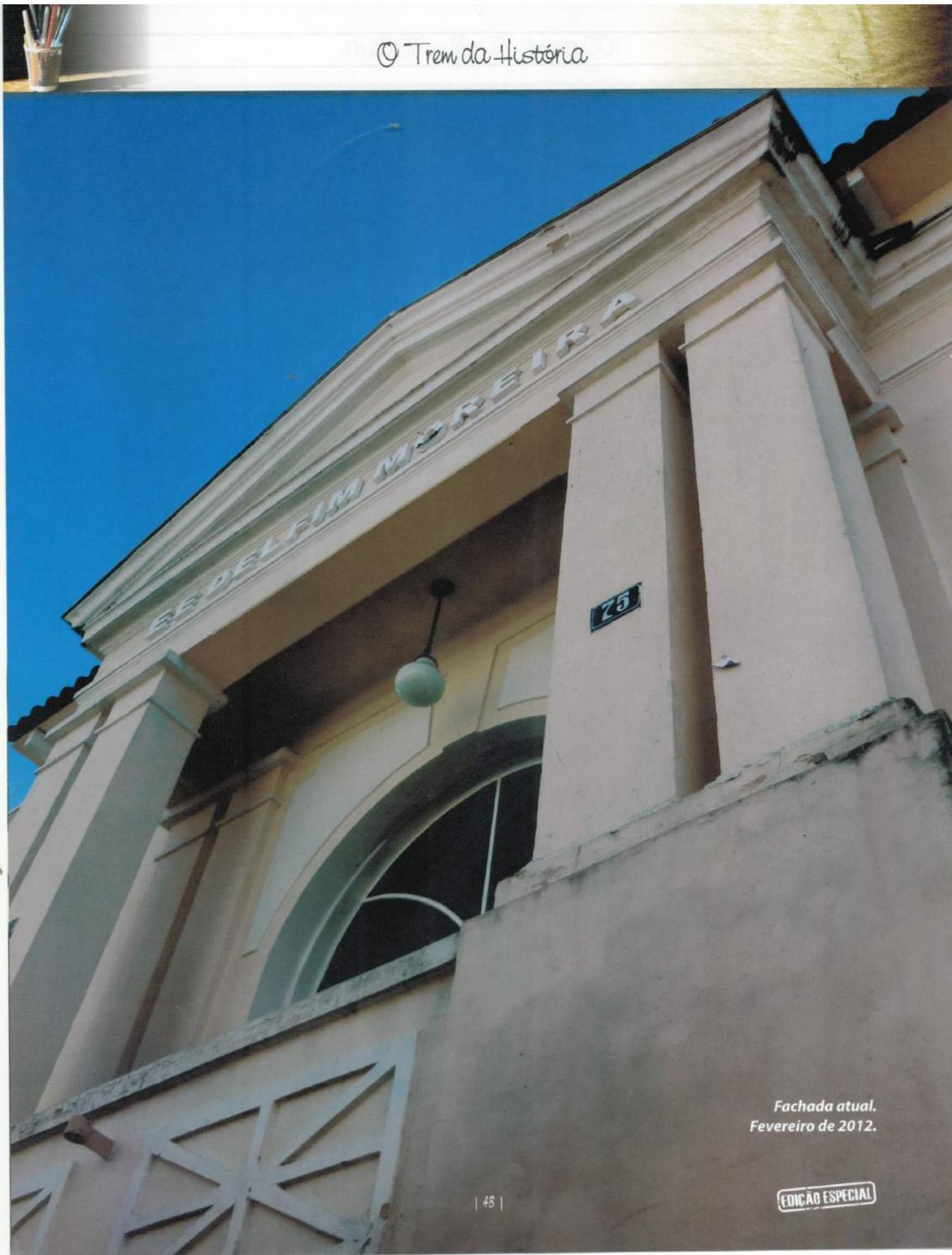


*Samuel Augusto
Vaz da Silva*

*Ana Luiza
França de Carvalho*



*Rosângela P. Melo de Lucca
(diretora) e os alunos. 2012.*



*Fachada atual.
Fevereiro de 2012.*

SAUDADE:

*sentimento que ninguém explica
mas que todos entendem*

“Primeiramente, eu queria homenagear essa escola por estar educando várias crianças há tanto tempo... um século de história.

Há 5 anos que estudo aqui, e nesse tempo foi ótimo.

No primeiro dia de aula, a sensação foi muito esquisita, não conhecia ninguém, não sabia onde era a minha sala, e outros lugares.

Foi passando o tempo, eu fui conhecendo cada lugar, e também os amigos, supervisoras e professoras.

Hoje tenho certeza que foi o melhor para mim, porque graças a esta escola sou uma criança que tenho valores aprendidos nela.

Pena que esse é o meu último ano na escola. Fico triste, mas ao mesmo tempo fico feliz, porque vou ter lembranças boas que passei aqui.

Espero que a minha nova escola seja tão boa quanto essa.

Quero agradecer aos professores, supervisoras e diretoras que por aqui passaram e que me ensinaram toda educação que tenho.

E desejo que continuem dando educação para muitas crianças que ainda vão passar por aqui.

Vou sentir saudades dessa escola querida que ficará eternamente gravada no meu coração.”

*Ana Flávia Viana
Aluna, 5º ano, 2011.*

“Tinha salas de meninos, salas de meninas e tinha as salas mistas. Turma masculina e turma feminina. Eu estudei na sala masculina. Com as meninas eu não tinha jeito. Não tinha colegas da sala feminina. Não tinha nenhuma diferença na matéria que era lecionada, era igual para todos. Tinha trabalhos manuais. Bordados de acordo com a vocação da criança. Eu lembro que eu bordei um ponto de cruz. Fiz um tapetezinho, só que eu não fazia aquilo de acordo com a habilidade. Trabalhos manuais, tinha um dia certo para isso, tinha a professora certa. Cada um fazia aquilo que gostasse. Tinha pintura, desenho. Pintura mesmo eu não lembro se tinha. A professora ia para a sala de aula. Seria lá mesmo na sala de aula.”

*Antônio Alvarenga de Resende
Ex-aluno*

“No meu tempo todo mundo tinha que ir para o grupo. No meu tempo só tinha o grupo Delfim Moreira. Todo mundo tinha que fazer o curso primário, todo mundo ia para o grupo. Aqui não havia escola normal, os mais ricos mandavam os filhos para outras cidades. Os mais pobres ficavam aqui mesmo. Era todo mundo misturado. Não havia critérios. A separação natural, os próprios alunos iam fazendo, pelo comportamento, pela capacidade intelectual. Não era critério do mais rico. Era aquele que era mais inteligente.

Então a diretora, as professoras selecionavam. Havia salas dos mais inteligentes, e dos menos inteligentes. Depois que se formava no grupo, recebia o diploma, então os pais mandavam para Uberaba, Belo Horizonte. As mulheres iam para Oliveira, Varginha, formavam normalistas lá.”

Boanerges Lemos da Silva
Ex-aluno

“Em alguns momentos de nossa vida, encontramos lugares e pessoas especiais.

Foi o que aconteceu comigo no mês de fevereiro de 1994, quando comecei a lecionar na Escola Estadual Delfim Moreira. Fui recebida de braços abertos, e neste instante, comecei a fazer parte de uma grande família, com uma esplêndida história.

Lá encontrei grandes profissionais, amigos e alunos maravilhosos.

Nesta escola ensinei muitas lições, mas meu aprendizado foi maior que todas elas, em cada ano letivo, em cada turma que recebi.

Nesta escola, sorri por muitos motivos, chorei por poucos, amadureci por todos.

Neste ano de comemoração do Centenário minha alegria é muito grande!

Fazer parte desta família, comemorando 100 anos de existência, é um presente de Deus.

Que a Escola Estadual Delfim Moreira, continue brilhando a cada dia de sua existência, marcando sempre o coração das pessoas que por aqui passaram e com certeza, passarão um dia.

VIVA NOSSA ESCOLA! ”

Emilia Paula Guimarães Neves
Professora

“Às vezes quando me refiro à escola, costumo dizer “lá em casa”, e na verdade não é uma troca de expressão, mas inconscientemente a mais sincera expressão do carinho que tenho pelo meu local de trabalho. Aqui me sinto bem, me sinto a vontade. Trabalho com prazer, não apenas porque gosto do que faço, mas também porque me sinto feliz neste local.

Conheço cada pedacinho do prédio, dos porões aos pátios, passando por todas as dependências. Conheço cada funcionário, que com a convivência deixa de ser um colega e passa a ser um amigo.

As crianças são a alegria dessa casa, e a cada ano dezena de novos rostinhos alegam esse ambiente de trabalho. E como numa família de verdade alguns vão embora para se aventurar por novos caminhos, deixando saudade e boas lembranças.

É claro que como em toda família, aqui também existem divergências de opiniões, mas nada que um bom diálogo não resolva. Nós trabalhamos com responsabilidade e competência, mas acima de tudo com amor. São 100 anos dedicados à Educação.

Durante este século, todos que por aqui passaram, alunos, pais e funcionários deixaram suas marcas registradas e contribuíram para reforçar os pilares que sustentam esta instituição. E é assim que vamos construindo a nossa história, que nada mais é que uma bela história de amor.”

Eunice Cristina da Silva
Secretária

Então a diretora, as professoras selecionavam. Havia salas dos mais inteligentes, e dos menos inteligentes. Depois que se formava no grupo, recebia o diploma, então os pais mandavam para Uberaba, Belo Horizonte. As mulheres iam para Oliveira, Varginha, formavam normalistas lá.”

Boanerges Lemos da Silva
Ex-aluno

“Em alguns momentos de nossa vida, encontramos lugares e pessoas especiais.

Foi o que aconteceu comigo no mês de fevereiro de 1994, quando comecei a lecionar na Escola Estadual Delfim Moreira. Fui recebida de braços abertos, e neste instante, comecei a fazer parte de uma grande família, com uma esplêndida história.

Lá encontrei grandes profissionais, amigos e alunos maravilhosos.

Nesta escola ensinei muitas lições, mas meu aprendizado foi maior que todas elas, em cada ano letivo, em cada turma que recebi.

Nesta escola, sorri por muitos motivos, chorei por poucos, amadureci por todos.

Neste ano de comemoração do Centenário minha alegria é muito grande!

Fazer parte desta família, comemorando 100 anos de existência, é um presente de Deus.

Que a Escola Estadual Delfim Moreira, continue brilhando a cada dia de sua existência, marcando sempre o coração das pessoas que por aqui passaram e com certeza, passarão um dia.

VIVA NOSSA ESCOLA!”

Emilia Paula Guimarães Neves
Professora

“Às vezes quando me refiro à escola, costumo dizer “lá em casa”, e na verdade não é uma troca de expressão, mas inconscientemente a mais sincera expressão do carinho que tenho pelo meu local de trabalho. Aqui me sinto bem, me sinto a vontade. Trabalho com prazer, não apenas porque gosto do que faço, mas também porque me sinto feliz neste local.

Conheço cada pedacinho do prédio, dos porões aos pátios, passando por todas as dependências. Conheço cada funcionário, que com a convivência deixa de ser um colega e passa a ser um amigo.

As crianças são a alegria dessa casa, e a cada ano dezena de novos rostinhos alegram esse ambiente de trabalho. E como numa família de verdade alguns vão embora para se aventurar por novos caminhos, deixando saudade e boas lembranças.

É claro que como em toda família, aqui também existem divergências de opiniões, mas nada que um bom diálogo não resolva. Nós trabalhamos com responsabilidade e competência, mas acima de tudo com amor. São 100 anos dedicados à Educação.

Durante este século, todos que por aqui passaram, alunos, pais e funcionários deixaram suas marcas registradas e contribuíram para reforçar os pilares que sustentam esta instituição. E é assim que vamos construindo a nossa história, que nada mais é que uma bela história de amor.”

Eunice Cristina da Silva
Secretária